

Ana Filipa Dias Pacheco

**O arquivo de Manuel Marques no Centro de  
Documentação de Arquitectura**

Aplicação da plataforma ICA-AtoM para a organização do acervo e  
o acesso à informação *online*

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciência da Informação,  
orientada pelo Prof. Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva

Faculdade de Engenharia e Faculdade de Letras

Universidade do Porto

Julho de 2013



# O arquivo de Manuel Marques no Centro de Documentação de Arquitectura

Aplicação da plataforma ICA-AtoM para a organização do acervo e o acesso à informação *online*

Ana Filipa Dias Pacheco

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciência da Informação, orientada pelo Prof. Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva

## Membros do Júri

**Presidente:** Professor Doutor António Manuel Lucas Soares  
(Professor Associado da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto)

**Vogal Externo:** Professora Doutora Maria Manuel Lopes de Figueiredo Costa Marques Borges  
(Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

**Orientador:** Prof. Doutor Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva  
(Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

---



## **Agradecimentos**

Na elaboração deste trabalho foram vários os que contribuíram para que fosse possível atingir o fim desta dissertação.

Ao meu orientador, o Prof. Doutor Armando Malheiro, pela disponibilidade demonstrada, assim como pelos seus conselhos.

À Dra. Teresa Godinho e Dona Céu por me terem acolhido no Centro de Documentação e por sempre estarem disponíveis para me ajudar.

Aos meus colegas que me acompanharam durante estes dois anos de Mestrado e que, de certa forma, me ajudaram e apoiaram para a conclusão desta etapa.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes e dispostos a ajudar, principalmente nos momentos mais difíceis.

Por último, mas não menos importante, aos meus pais e irmão que de forma direta ou indireta sempre me apoiaram e me deram força para seguir em frente e não desistir dos meus objetivos.

Ana Pacheco



## Resumo

Os arquivos enquanto fontes de conhecimento constituem a memória de pessoas e organizações, do passado e do presente. O acervo do arquiteto Manuel Marques constitui um dos vários arquivos pessoais que compõem o Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. O presente estudo pretende melhorar a organização do arquivo e disponibilizá-lo *online* para o mesmo poder ser acedido por potenciais interessados.

Para tal, utilizou-se o método quadripolar como dispositivo metodológico para abordar quer o processo de investigação, quer o objeto de estudo numa perspetiva holística. De forma a analisar o objeto de estudo adotou-se o modelo sistémico consolidado no paradigma científico-informacional.

De acordo com este modelo, fez-se a descrição dos documentos que compõem os projetos ou obras do arquiteto Manuel Marques, tendo por base a sua estrutura orgânico-funcional. Assim, para a realização da descrição do Sistema de Informação, bem como para o acesso *online* ao mesmo, recorreu-se à plataforma ICA-AtoM.

No final testa-se a aplicação do modelo no Sistema de Informação de Manuel Marques para verificar a validade do mesmo. Concluiu-se que a abordagem sistémica é adequada quer para o tratamento de um acervo em arquitetura, quer para melhor satisfazer as necessidades informacionais no âmbito do mesmo.

**Palavras-chave:** Arquivo de Manuel Marques; Ciência da Informação; Descrição Arquivística; ICA-AtoM; Quadro Orgânico-Funcional; Sistema de Informação Pessoal; Teoria Sistémica.





## Abstract

As sources of knowledge, archives can be considered the memory of people and organizations, from the past and present. The collection of the architect Manuel Marques is one of several personal archives that make up the documentation centre of the Faculty of Architecture of the University of Porto. The present study aims to improve the organization of the archive and make it available online so it can be accessed by potential users.

To achieve this, the four-pole method was used as methodological device to address both the research process and the object of study in a holistic perspective. In order to analyse the object of study was used the systemic model, consolidated in scientific-informational paradigm.

According to this model, was made the description of the documents that make up the projects or works of the architect Manuel Marques, based on its organic and functional structure. So, to do the description of the Information System, as well as online access, it was used the ICA-AtoM platform.

At the end it was tested the application of the model in the Information System of Manuel Marques to verify its validity. It was concluded that the systemic approach is suitable for the treatment of an archive of architecture, as well as to better satisfy informational needs in the context of this archives.

**Keywords:** ICA-AtoM; Information Science; Manuel Marques Archive; Archival Description; Organic And Functional Framework; Personal Information System; Systemic Theory.



## Lista de Figuras

Figura 1 - Árvore de objetivos. ....	4
Figura 2 - Método Quadripolar de Paul de Bruyne e outros (1974) FONTE: Silva et al., 1999....	20
Figura 3 - Configuração da estrutura da documentação no Centro de Documentação.....	37
Figura 4 - Organograma.....	45
Figura 5 - Página inicial do ICA-AtoM. ....	47
Figura 6 - Registo de autoridade.....	49
Figura 7 - Descrição da informação, estrutura orgânico-funcional e notificação de erro. ....	50
Figura 8 - Descrição arquivística. ....	51
Figura 9 - Página inicial no facebook. ....	53
Figura 10 - Resultados obtidos nas respostas às questões 1 e 2 do questionário.....	55
Figura 11- Resultados obtidos nas respostas à questão 3 do questionário.....	55



## **Lista de tabelas**

Tabela 1- Softwares open source utilizados na gestão arquivística. ....	27
Tabela 2- Plataformas comerciais utilizadas na gestão arquivística. ....	28
Tabela 3 - Breve cronologia biográfica de Manuel Marques. ....	40



## **Lista de abreviaturas e siglas**

BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

C.I.A. – Conselho Internacional de Arquivos

CDUA – Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura

EAC – *Encoded Archival Context*

EAD – *Encoded Archival Description*

EBAP – Escola de Belas-Artes do Porto

ESBAP – Escola Superior de Belas-Artes do Porto

FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

ICA-AtoM – *International Council on Archives – Access to Memory*

ISAAR (CPF) – *International Standard Archival Authority Record for Corporate Bodies, Persons and Families*

ISAD (G) – *General International Standard Archival Description*

MARC – *Machine Readable Cataloging*

MCI – Mestrado em Ciência da Informação

QOF – Quadro Orgânico-Funcional





# Sumário do conteúdo

Lista de Figuras.....	xi
Lista de tabelas .....	xiii
Lista de abreviaturas e siglas .....	xv
Introdução.....	1
Contextualização do trabalho .....	1
Motivação, objetivos e metodologia .....	2
Estrutura da dissertação .....	4
1. Enquadramento teórico: revisão de literatura e estado da arte .....	6
1.1 Breve panorâmica da evolução da arquivística.....	6
1.1.1 A evolução dos arquivos.....	6
1.1.2 A Revolução Francesa .....	10
1.1.3 A Arquivística como disciplina .....	11
1.1.4 A mudança de paradigma .....	15
1.2 A perspetiva “clássica”: o paradigma custodial, histórico-tecnista.....	17
1.3 A perspetiva sistémica: o paradigma pós-custodial, científico-informacional .....	18
1.4 Plataformas tecnológicas nos Arquivos Pessoais .....	22
1.4.2 Plataformas tecnológicas para a gestão arquivística .....	26
1.4.3 A plataforma ICA-AtoM no arquivo pessoal de Manuel Marques.....	29
2. Metodologia de Investigação .....	31
3. Da Instituição ao Arquiteto .....	34
3.1 O Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura .....	34
3.2 Vida e obra do arquiteto Manuel Marques .....	38
4. Análise/Discussão dos resultados .....	41
4.1 O Sistema de Informação de Manuel Marques: aplicação do modelo.....	41
4.1.1 O Sistema de Informação de Manuel Marques .....	41

4.1.2 O Quadro Orgânico-Funcional (QOF).....	43
4.2 O Sistema de Informação de Manuel Marques: difusão e acesso.....	46
4.2.1 A aplicação de gestão de informação arquivística ICA-AtoM .....	47
4.2.2 A avaliação do Sistema de Informação pelo acesso .....	52
Conclusões e perspetivas de desenvolvimento .....	58
Referências bibliográficas .....	61
Anexos .....	68
Anexo 1 – Tabela representativa do Quadro Orgânico-Funcional .....	69
Anexo 2 – Tabela representativa do Quadro Orgânico-Funcional utilizada no teste.....	92
Anexo 3 – Tabela representativa do Quadro de Classificação Funcional utilizada no teste .....	97
Anexo 4 – Questionário .....	101



# **Introdução**

## **Contextualização do trabalho**

O Homem é um ser social que, como tal, necessita de comunicar, interagir com os demais. Esta necessidade de registrar e comunicar os seus atos, as suas vivências, levou ao aparecimento da escrita que durante milénios foi a forma privilegiada de preservar a memória das pessoas e da atividade humana. Ora, os arquivos, contemporâneos ao aparecimento da escrita, surgem precisamente no decorrer desta necessidade, como forma de preservar essa memória, tanto dos indivíduos, como das organizações.

As novas tecnologias contribuíram, não só, para o exponencial crescimento de produção informacional e disseminação do conhecimento, como também para o acesso à informação a qualquer hora e em qualquer lugar, simplesmente à distância de um clique. O grande desenvolvimento tecnológico causou um forte impacto na sociedade, uma Sociedade da Informação que representa uma nova Era marcada por um fluxo de informação em quantidades e velocidades, antes inconcebíveis. Assim, é cada vez mais premente a adoção de métodos e medidas de gestão e representação de informação inovadores que vão de encontro ao que os eventuais utilizadores procuram, com a finalidade de suprir as suas necessidades informacionais e, consequentemente trazer vantagem competitiva para a própria instituição. Tendo em conta a sociedade atual cada vez mais exigente quer a nível de tempo de resposta, quer a nível de disponibilização de novas tecnologias, é crucial que se assegure um acesso eficaz e eficiente à informação.

Atualmente o domínio da informação e das tecnologias lideram a evolução, ditando a integração na Sociedade da Informação ou a própria info-exclusão. É certo, pois, que o caminho percorrido pela Arquivística rumo a uma ciência da informação foi longo e árduo, repleto de avanços e retrocessos. A realidade arquivística deve, pois, acompanhar a evolução da sociedade. Só assim será possível responder às suas exigências, desafios e necessidades informacionais.

A publicação de literatura especializada na área aumentou significativamente ao

longo dos tempos e, hoje, é possível encontrar nomes de referência. Diversas publicações, em diferentes idiomas, procedem à reflexão teórica e metodológica sobre a Arquivística. Contudo, o mesmo não se pode dizer relativamente à temática dos arquivos pessoais. Escassos são, também, os estudos académicos que versam esta temática. Ciente desta situação é, portanto, neste sentido que se elabora a presente dissertação, com o intuito de fornecer um contributo para a área, através de um estudo de caso.

A presente dissertação, intitulada “O arquivo de Manuel Marques no Centro de Documentação de Arquitetura: aplicação da plataforma ICA-AtoM para a organização do acervo e o acesso à informação *online*”, é elaborada no âmbito do Mestrado em Ciência da Informação (MCI) da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP). Este estudo insere-se na temática dos arquivos pessoais e tem como objeto de estudo o arquivo do arquiteto Manuel Marques. Este objeto de estudo será abordado numa perspetiva sistémica, pelo que tanto a estrutura orgânico-funcional como o acesso à informação por parte do utilizador são duas vertentes que tomam particular relevo.

## **Motivação, objetivos e metodologia**

Os arquivos enquanto fontes de conhecimento constituem a memória de pessoas e organizações, do passado e do presente. Ora, esta memória torna-se ainda mais peculiar quando engloba acervos de organismos já extintos ou sistemas de informação pessoais e familiares, uma vez que representam uma autêntica fonte de conhecimento da existência, vida ou obra dessas mesmas entidades ou personalidades. Note-se que muitos dos arquivos pessoais são de âmbito privado, pelo que vários ainda se mantêm na sombra, sendo desconhecidos. É, pois, de suma importância que se dê conhecimento da existência destes arquivos, mais ainda, é essencial que se proceda a uma gestão de informação dos mesmos no âmbito de uma teoria sistémica que aborde o acervo documental numa perspetiva holística, tendo em consideração a vertente Orgânico-Funcional que lhe é inerente.

O acervo do arquiteto Manuel Marques constitui um dos vários arquivos pessoais que compõem o Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da

Universidade do Porto. Sendo a Faculdade de Arquitetura uma instituição do ensino superior, naturalmente se encontra fortemente vinculada à produção informacional e disseminação de conhecimento. Consequentemente foram acumuladas, ao longo do tempo, grandes quantidades de documentação provenientes não só da atividade interna (trabalhos escolares, projetos, *etc.*) como ainda de doações de diversos arquitetos. Neste sentido, pretende-se proceder ao estudo para a organização e o acesso à informação em suporte digital do acervo do arquiteto Manuel Marques. Como se trata de um acervo em que há um recenseamento de apenas parte da documentação e que, portanto, ainda há um grande volume documental por tratar, urge fazer-se este estudo.

Atendendo ao âmbito desta temática, e de acordo com a necessidade real apresentada pela Faculdade de Arquitetura, bem como os requisitos de cientificidade subjacentes ao trabalho de investigação, o objetivo principal da dissertação prende-se com a melhoria da gestão de informação do acervo de Manuel Marques no Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura da Universidade do Porto. Para tal, é necessário ter em consideração duas vertentes, que constituem os dois sub-objetivos: organização e o acesso ao arquivo em formato digital.

De forma a melhorar a organização do arquivo e de acordo com a abordagem sistémica adotada, é fundamental: organizar o arquivo de acordo com os contextos orgânico-funcionais; assegurar a descrição do arquivo de acordo com as necessidades informacionais; e identificar uma solução alternativa, eficaz e eficiente para o *software* atualmente utilizado.

Após a melhoria da organização do arquivo urge a necessidade do mesmo poder ser acedido por potenciais interessados. Assim, para garantir o seu acesso em formato digital, é necessário reduzir o risco de perda de informação, criando por exemplo cópias de segurança, e identificar uma plataforma eficaz e eficiente para providenciar o acesso. A Figura 1 evidencia a árvore de objetivos que representa os objetivos definidos para este trabalho, anteriormente descritos.

Tendo em conta os objetivos definidos e assumindo um carácter de cientificidade, característico tanto do âmbito de um projeto de dissertação como do paradigma no qual se insere este estudo, pretende-se responder à seguinte questão de investigação: “Qual das abordagens, clássica ou sistémica, é a mais adequada quer para melhor satisfazer as

necessidades informacionais no âmbito de um acervo em arquitetura, quer para o tratamento do mesmo?”.

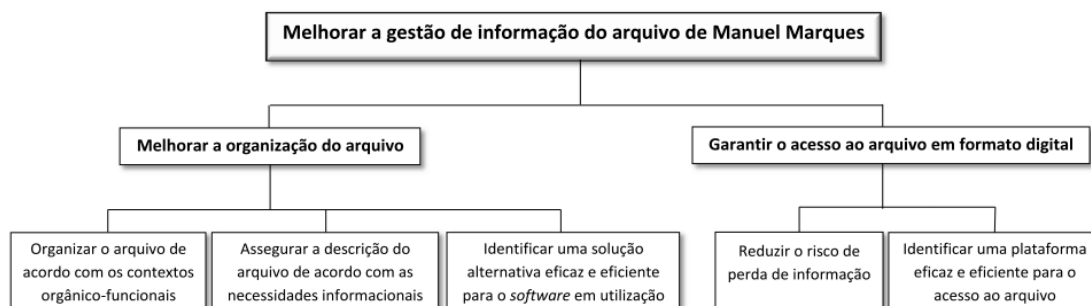


Figura 1 - Árvore de objetivos.

Assim, a presente dissertação será orientada à luz do Método Quadripolar e assumirá como abordagem a adotar a Teoria Sistémica. É ainda importante salientar que o estudo terá sempre em conta quer os profissionais que na instituição procedem à gestão de informação, quer o utilizador final. Assim, a proposta de um *software open source* de descrição arquivística em conformidade com as normas do Conselho Internacional de Arquivos (C.I.A.), uma entidade de referência na área da Arquivística, torna-se uma peça fundamental deste trabalho. O ICA-AtoM será, portanto, um dos marcos deste trabalho, constituindo a plataforma de preferência para o presente estudo.

## Estrutura da dissertação

O processo de investigação realizado neste estudo encontra-se estruturalmente apresentado em quatro capítulos: Capítulo I - Enquadramento teórico: revisão de literatura e estado da arte; Capítulo II - Metodologia de Investigação; Capítulo III - Da instituição ao arquiteto; Capítulo IV - Análise/discussão dos resultados.

No primeiro capítulo incide-se sobre o enquadramento científico e paradigmático da investigação. Importa aqui referir a evolução da arquivística, o estado do conhecimento atual sobre os arquivos pessoais, a afirmação do novo paradigma da Ciência da Informação e o posicionamento face às abordagens existentes (clássica e sistémica). Após o enquadramento teórico procede-se, no segundo capítulo, à

apresentação dos procedimentos metodológicos adotados no âmbito do presente estudo. No terceiro capítulo pretende-se contextualizar o caso de estudo, nomeadamente caracterizar a instituição e dar a conhecer um pouco da vida e obra do arquiteto Manuel Marques, cujo arquivo será abordado ao longo deste estudo.

No quarto e último capítulo, apresenta-se e discute-se os resultados da investigação. Para finalizar, expõe-se as conclusões retiradas deste estudo.



# **1. Enquadramento teórico: revisão de literatura e estado da arte**

O presente capítulo aborda a evolução da arquivística ao longo dos tempos, desde os primórdios da civilização até aos nossos dias. Inicialmente traça-se uma linha evolutiva dos arquivos, desde a sua génese até à atualidade. De seguida reflete-se sobre a arquivística e o seu trajeto desde a postura de disciplina auxiliar até ao estatuto de cientificidade. Posteriormente reflete-se sobre os paradigmas nos quais a arquivística se desenvolve – paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista; e paradigma pós-custodial, informacional e científico. Por fim define-se o paradigma assumido no estudo realizado no âmbito desta dissertação.

## **1.1 Breve panorâmica da evolução da arquivística**

Uma reflexão sobre a Arquivística não pode deixar de contrapor a perspetiva tradicional do paradigma custodial histórico-tecnista, ainda hoje dominante, à perspetiva sistémica do paradigma pós-custodial, científico-informacional. Mas falar de Arquivística sem uma elucidação do seu objeto de estudo, e do longo caminho percorrido até ao momento não faria sentido. Remontemos, portanto, ao momento em que tudo começou, em que a Arquivística deu os seus primeiros passos, à origem desta ciência.

### **1.1.1 A evolução dos arquivos**

A comunicação foi desde sempre um fator intrínseco à atividade humana. A necessidade de comunicar levou a que a tradição oral desse lugar a um outro meio de comunicação que tendesse para a materialização da informação num suporte. Assim, assiste-se ao surgimento da escrita, isto é de um mecanismo que conservasse a memória. Esta foi, durante milénios, a base da comunicação e a forma privilegiada para preservar a memória das pessoas, das instituições e da atividade humana. A importância da escrita na sociedade humana levou à consciencialização da necessidade de preservar e conservar os registos, criados e desenvolvidos pelo Homem, para posterior utilização. Desta forma, a escrita condiciona o aparecimento dos arquivos que surgiram de forma muito natural e espontânea, sem qualquer vertente técnica ou

conceptual. Para Carmona “Los archivos son la memoria de las instituciones y de las personas y existen desde el momento en que el hombre decidió fijar por escrito sus relaciones como ser social” (1995). Afirmação que vincula, portanto, o trinómio arquivo – Homem – escrita e reforça a importância dos arquivos na história do Homem e da evolução da comunicação.

A espontaneidade da origem dos arquivos, como resultado da prática da escrita, conduziu a que o conhecimento destes por parte do Homem remonte às antigas civilizações do Médio Oriente, precisamente por estas estarem relacionadas com a origem da escrita. Dos estudos realizados no âmbito da arquivística são muitos os autores que fazem valer a relação entre o aparecimento da escrita e a necessidade de criação de arquivos – “sendo os arquivos tão velhos, pelo menos, como a própria escrita é óbvio que lhes é inerente, desde as origens, uma prática arquivística, a qual se foi tornando mais complexa à medida que as sociedades evoluíram e as necessidades dos agentes produtores e dos utilizadores da informação arquivística assim o exigiram” (Ribeiro, 2002).

Sendo a escrita inventada por diversos povos e dada a sua contemporaneidade com os arquivos, não é possível datar com precisão o aparecimento dos arquivos, mas pensa-se que a sua origem data o VI<sup>o</sup> milénio a.C. Ainda assim, os arquivos mais antigos, dos quais o Homem tem conhecimento, remontam ao IV<sup>o</sup> milénio a.C. na Mesopotâmia (Silva *et al.*, 1999). Foi na Mesopotâmia que as civilizações mais antigas desenvolveram as primeiras formas de escrita – escrita cuneiforme – que posteriormente levariam à criação dos alfabetos. Nestas civilizações surgem então as Tábuas de argila nas quais eram descritas ordens governamentais, sentenças judiciais e diversos atos privados. No mundo antigo, estas formas de escrita eram “armazenadas” em locais privados, dos quais ressaltam os palácios e os templos, e já existiam léxicos e catálogos descritivos, o que denota já a organização que as sociedades antigas evidenciavam.

De facto, os arquivos das **civilizações pré-clássicas** já evidenciavam características que ainda hoje são defendidas pela Arquivística, nomeadamente a organicidade e a funcionalidade de serviço/uso das entidades produtoras, bem como o cuidado com a identidade e a autenticidade dos documentos (Ribeiro, 1998). Segundo

Silva e outros, estes arquivos já continham características de um complexo sistema de informação, apresentando “uma estrutura organizacional, um critério selectivo de preservação e a disponibilização de um serviço, determinado tanto pelo valor informativo das placas, como pela pertinência e rigor da sua integração sistémica” (Silva *et al.*, 1999). Pela apreciação de Silva e outros depreende-se a grande importância atribuída aos arquivos, em geral, e ao conteúdo informacional das placas e estrutura do arquivo, em particular, ao invés de optarem por criar meros depósitos de placas de argila, numa conceção baseada simplesmente no suporte.

A cultura greco-romana também contribuiu de forma significativa para a organização arquivística, levando a grandes progressos neste domínio, devido ao seu grande sentido prático, bem como à grande importância atribuída à administração do Império. Como marco importante da arquivística, nesta época as organizações burocráticas do mundo greco-romano elaboraram uma ampla rede de arquivos ao longo de todo o Império e desenvolveram o conceito de Arquivo Público. Desta forma, os arquivos centrais, até então desenvolvidos para o uso estatal, estavam à disposição da população em geral, deixando de haver a privatização dos mesmos (Reis, 2006). A importância dos arquivos e, particularmente, da organização arquivística era de tal ordem que já nessa época se aplicava o respeito da proveniência dos fundos e a formação de séries que obedeciam a uma ordenação cronológica. Esta importância dada aos arquivos permitiu que os romanos criassem um novo cargo, assistindo-se ao aparecimento de *tabularius* (arquivistas) aos quais cabiam responsabilidades relacionadas com a conservação, reprodução e validação de documentos assim como restrições ao seu acesso. A contribuição da cultura greco-romana foi de tal forma significativa que muitos dos seus critérios usados, na organização dos arquivos, estenderam-se até à atualidade. Não é por acaso que a relação entre o documento e a entidade produtora será o aspeto crucial da arquivística moderna.

Nesta época, a preocupação com o suporte dos documentos, pela utilização algo incómoda e necessidade de grandes espaços físicos, levou a uma reconsideração dos suportes utilizados, nomeadamente pelo papiro. Embora mais leve e agradável, era um suporte frágil, caro e importado o que conduziu à ampla adoção do pergaminho, devido à sua maior resistência e produção local. Por volta do século VIII a produção de papiro era praticamente vestigial (Silva *et al.*, 1999). Esta mudança revolucionária de suporte

foi determinante para a organização arquivística no decorrer da Idade Média.

Com o advento da **Idade Média**, o termo “arquivo” passa a ser encarado como o espaço ou serviço onde se preserva os registos antigos, independentemente do tipo de suporte associado, remetendo para a ideia de um espaço físico onde se procede à recolha de documentos de valor (Carmona, 1995; Silva *et al.*, 1999). A noção de arquivo público deixa de ser clara, situação decorrente da vulgarização do termo “arquivo” e assiste-se a uma confusão entre “biblioteca” e “arquivo”, despontada do facto dos documentos serem guardados no mesmo local, ao encargo da mesma pessoa, independentemente da sua origem ou função, devido à sua raridade e importância. Esta situação agravou-se no período helenístico devido à incorporação de diversos arquivos nas bibliotecas públicas. A instabilidade social e política pela qual se atravessava originou a transferência de arquivos incompletos, afetando a sua integridade e estrutura sistémica original. A esta situação junta-se a fraca resistência dos suportes, o que se traduziu na perda substancial de importantes arquivos (Ribeiro, 1998). Com a queda do Império Romano desaparece a complexa administração desenvolvida até então, bem como a noção do Arquivo Público, surgindo a ideia do cariz privado dos arquivos.

Na **Idade Moderna**, em meados do século XV, Gutenberg introduz o processo de produção em massa do livro impresso aumentando, conseqüentemente, a circulação do mesmo e criando a necessidade de profissionalização de pessoas para tratar das coleções de livros que se concentravam nos arquivos e bibliotecas. Esta realidade é agravada no século XVI com o surgimento do novo sistema administrativo, o Estado Moderno, que ao criar os primeiros arquivos de Estado contribuiu para a grande concentração de arquivos. Esta centralização de documentos resulta das reformas institucionais que determinaram as fusões e reestruturações da Igreja e outras instituições, levando à migração dos seus arquivos (Reis, 2006). Este período passa a ser conhecido como a época dos arquivos de Estado. Segundo Silva e outros (1999), nesta época despontam novos problemas e questões que conduzem a uma posterior reflexão sobre a própria disciplina e conseqüentemente se criem condições para a origem de uma disciplina autónoma e a afirmação dos arquivos como sistemas de informação.

A tendência redutora de papel jurídico-administrativo conferida aos arquivos nos seus primórdios dá lugar ao enaltecimento do valor histórico dos documentos nos séculos XVII e XVIII. Os arquivos passam a ser objeto de investigações históricas e começam a ser pressionados a uma abertura a outro tipo de funções. A descoberta da riqueza informacional dos arquivos origina uma grande afluência de instrumentos de pesquisa e, por influência do movimento iluminista, verifica-se uma mudança nas práticas arquivísticas. A prática que até então refletia o sistema orgânico produtor da informação, a sua origem e conteúdo passa a ser realizada com base na adoção de classificações temático-funcionais que alteraram a estrutura original dos arquivos, bem como na ordenação cronológica dos documentos, descurando o seu contexto de produção. O Iluminismo foi responsável por consideráveis desvios na Arquivística e as práticas adotadas com base no pensamento iluminista resultaram na desarticulação de vários arquivos cuja reconstituição, em muitos dos casos, ficou comprometida. Apesar dos desvios verificados nesta época, o século XVIII não deixou de contribuir para o aprofundamento da prática arquivística, particularmente a nível de regulamentação relacionada com regulamentação de transferências e eliminações de documentos. A época que se segue, nomeadamente da Revolução Francesa, será marcada por uma reflexão sobre a teoria e a prática da arquivística, o seu próprio objeto e a definição de uma metodologia que respeitasse a Arquivística como uma disciplina autónoma.

### **1.1.2 A Revolução Francesa**

Durante o século XVIII, mais precisamente em 1789, a Revolução Francesa desencadeia um ponto de viragem na história dos arquivos, representando um marco importante para a evolução da Arquivística. Nesta **Época Contemporânea**, um dos marcos importantes é o desaparecimento do Estado moderno, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX.

Os valores da ideologia liberal levaram à criação de um novo serviço predisposto para a recolha, gestão e disponibilização de documentos de valor patrimonial enquanto fontes privilegiadas da historiografia (Ribeiro, 2002). É neste contexto que se funda, em 1789, os *Archives Nationales* de França e se proclama a Lei de 7 Messidor que confere ao conceito de arquivo a ideia do seu livre acesso por parte do cidadão comum em detrimento do privilégio do acesso apenas aos órgãos de poder. Assiste-se então a

um conjunto de nacionalizações e consequentes incorporações em massa de arquivos privados nos depósitos do Estado, os recém-criados Arquivos Nacionais. Perante esta nova realidade recorre-se ao expurgo de documentos que não apresentem valor para a gestão estatal e passa-se a distinguir dois tipos de acervo: o que correspondia a documentos de valor administrativo e o que apenas constituía interesse histórico-cultural. Neste sentido, deu-se uma quebra na estrutura sistémica dos arquivos, provocando uma desarticulação da estrutura de origem e quebra das ligações existentes entre os documentos que compõem um mesmo sistema de informação. Em França, a tomada de poder de Napoleão I, defensor de uma política de concentração dos arquivos dos países dominados, também teve repercussões nefastas na situação dos arquivos.

Nesta época, a prática das incorporações em massa de arquivos privados nos arquivos nacionais e a reordenação cronológica e/ou temática dos documentos determinam os procedimentos arquivísticos, em detrimento da organização original. Esta situação tornou-se de tal modo incontrolável e alarmante, criando um “caos” do ponto de vista arquivístico, que rapidamente surgiu a necessidade de criar critérios de ordenação para pôr um termo a esta situação. Para tal, foram promulgadas pelo Ministério Interior em 1841 as *“instructions pour la mise en ordre et le classement des archives départementales et communales”* inspiradas pelo arquivista e historiador Natalis de Wailly, nas quais se enunciou o que posteriormente passou a ser conhecido como o princípio de respeito pelos fundos. Este princípio, considerado como o fundamento essencial da Arquivística, contrapõe-se à ordenação por assuntos aplicada na época dos iluministas. (Silva *et al.*, 1999; Ribeiro, 2001). Rapidamente adotado por diversos países da Europa, o princípio do respeito pelos fundos passa a ser reconhecido de forma generalizada não só pelo seu valor prático, mas também teórico. Numa era marcada pelo historicismo e romantismo, por uma valorização das fontes históricas e das pesquisas nos arquivos, assiste-se à intensificação da vertente técnica para criar instrumentos de trabalho (índices, inventários, etc.).

### **1.1.3 A Arquivística como disciplina**

Ainda que as origens dos arquivos sejam muito remotas, só em meados do século XIX é que a “Arquivologia”, assim designada nas suas origens, ganha um carácter de disciplina auxiliar da História, a par da Paleografia e da Diplomática. No entanto, a

arquivística já existia como prática de sistematização e conservação de fundos, desde os primeiros arquivos criados pelo Homem (Carmona, 1995), e a designada “Arquivologia”, Paleografia e Diplomática já eram disciplinas em ascensão desde o século XVIII. Esta posição de disciplina auxiliar manter-se-á, em parte, até à II Guerra Mundial. Contudo, o grande marco da evolução da Arquivística ocorre em finais do século XIX.

De facto, é em 1898, com a publicação do manual dos arquivistas holandeses Fuller, Feith e Fruin que a Arquivística se afirma autonomamente, libertando-se relativamente ao papel secundário para o qual, até então, tinha sido remetida. A arquivística encontra-se perante uma nova era em que se afirma como uma disciplina de cariz essencialmente tecnicista, embora ainda marcada obviamente pela vertente historicista, estabelecendo normalizações e tratamento com vista ao posterior acesso.

No início do século XX assiste-se a uma consolidação das ideias propagadas pela Revolução Francesa relativamente ao modelo arquivístico. É, sem dúvida, uma época de afirmação da perspetiva histórico-tecnicista. Neste século assiste-se também à consolidação do conceito e função de “arquivo” como “conjunto de documentos, independentemente da data, da forma e do suporte material, produzidos ou recebidos por qualquer pessoa, física ou moral, ou por qualquer organismo público ou privado no exercício da sua atividade, conservados pelos seus criadores ou sucessores para as suas próprias necessidades ou transmitidos a instituições de Arquivos.” (Reis, 2006).

A consolidação do modelo arquivístico assentou na adoção de várias medidas regulamentadoras e, em vários países, cria-se uma autoridade arquivística central, isto é, um órgão central coordenador da política relacionada com os arquivos. Ao longo de vários países despontam diplomas legislativos, desenvolvem-se princípios arquivísticos fundamentais e surgem manuais especializados. Contudo, a aplicação dos princípios da arquivística, nomeadamente o respeito pela ordem original dos documentos, e a consolidação do suporte legislativo e teórico da arquivística não são imediatamente assumidos de forma generalizada o que levará à ocorrência de alguns “desvios”. A tentativa de aplicação de classificações temáticas, como é o caso da classificação

temática de estrutura decimal (*Dewey Decimal Classification*<sup>1</sup>, Classificação Decimal Universal<sup>2</sup>), e a constituição de arquivos temáticos são exemplos de “desvios” que desde cedo receberam críticas de vários autores.

Ainda nas primeiras décadas do século XX a política centralizadora começa a demonstrar sinais de rutura. À recomposição artificial dos arquivos (os chamados arquivos temáticos) juntam-se as incorporações maciças de documentos exigidos por lei nos arquivos de Estado que, em muitos casos, são de tal ordem incomensuráveis que levam a um autêntico colapso das estruturas, bem como à rutura de edifícios. Para responder a estas exigências, a solução passava por recorrer a espaços por vezes provisórios. Segundo Bruno Delmas, a “arquivística descritiva” atinge o auge por volta da Segunda Guerra Mundial, enfatizando a ideia de que é também nesta fase que relação entre arquivos e história começa a entrar em crise (Silva *et al.*, 1999). A Arquivística, que já havia evoluído rumo à autonomização, começa a enfrentar a necessidade de se afirmar.

No período que decorre entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial surgem problemas de avaliação, seleção e eliminação como consequência da evolução que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, nomeadamente o aumento de produção documental. Esta situação levou às mais diversificadas formas de encarar o problema, não só a nível nacional, mas também mundial. Enquanto uns destruíam os documentos sem valor para fins históricos ou oficiais, outros optavam por focar a questão da avaliação ou da preservação.

A evolução tecnológica que se fez sentir a partir da segunda metade dos anos 40 originou uma “explosão documental”, muitas vezes associada à produção documental científica e técnica, que naturalmente causou um impacto significativo nos arquivos. Toda esta situação funcionou como uma bola de neve na qual um problema acaba por criar outro: as incorporações nos arquivos históricos já não eram possíveis devido à

---

<sup>1</sup> Em 1876 foi criada a *Dewey Decimal Classification* (DDC) com fins bibliográficos. Rapidamente foi aceite na América e por sua influência, em 1910, foi adotada no Departamento de Estado dos EUA uma classificação decimal para a organização dos arquivos.

<sup>2</sup> Surge em 1895, por iniciativa de Paul Otlet e Henri La Fontaine, a Classificação Decimal Universal (CDU) que teve ampla aceitação na Europa. Em 1908 assiste-se às primeiras tentativas de aplicação da CDU na Holanda, as quais vão consolidar-se a partir do final dos anos 20.



saturação dos depósitos; surgia a necessidade de aumentar os recursos (pessoal, equipamentos, edifícios); aumentava também o problema da avaliação e eliminação dos documentos. Como resposta a este último problema, surge o chamado pré-arquivo ou arquivo intermédio, uma estrutura artificial cujo propósito passava pela preparação dos documentos a serem integrados nos arquivos históricos. A estas estruturas cabia, portanto, a função de avaliar, seleccionar e eliminar os documentos. Contudo, o surgimento dos arquivos intermédios vinculados a uma fase de vida dos arquivos é um fenómeno que gera uma certa discordância, pelo que surgem várias teorias sobre as idades dos documentos, embora a noção das três idades se tenha generalizado e seja praticamente consensual.

Na época do pós-guerra surge um outro conceito, o de *record group*, uma adaptação americana do princípio da proveniência que visa a separação dos documentos de acordo com a entidade produtora (Silva *et al.*, 1999). Este conceito difunde-se rapidamente nos Estados Unidos da América e no Canadá e leva ao aparecimento do fenómeno do records management, conhecido por muitos como gestão de documentos. Assim, assiste-se à coexistência de dois fenómenos marcantes nesta época: *records management* e *pré-archivage*.

A necessidade de coordenação a nível nacional que cada vez mais se fazia sentir originou no âmbito da UNESCO, em 1950, a criação do Conselho Internacional de Arquivos (C.I.A.) que aumenta a publicação de literatura especializada e origina debates teóricos em torno da arquivística. Com a criação do C.I.A. surge a publicação da revista *Archivum*, um contributo importante para o progresso da disciplina. O aprofundamento de questões teóricas no âmbito da arquivística contribui significativamente para o seu desenvolvimento científico. Contudo, nos anos 60 a vertente teórica da disciplina ainda é pouco desenvolvida, embora haja um aprofundamento técnico da arquivística. Começa, nesta altura, a haver uma reflexão sobre alguns conceitos, mas só na década que se segue é que esta situação começa a ganhar maior destaque. Um ponto importante a realçar é o reforço do papel dos profissionais de arquivo, pelo que surgem associações de arquivistas, como a Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) em 1973 (Reis, 2006), que desde o início desempenharam um papel ativo não só a nível nacional, como no estrangeiro. A década de 70 revelou-se uma década fundamental

para o aprofundamento das questões teóricas mais significativas para o desenvolvimento científico da disciplina.

A procura de uma base teórica para a Arquivística estendeu-se pela década de 80, pelo que surgem diversos trabalhos neste âmbito. Contudo, a fundamentação científica da disciplina não chega ao cerne da questão, isto é, não aprofunda os aspetos mais elementares que suportam qualquer ciência: o objeto e o método. Dos diversos estudos elaborados sobressaem dois aspetos fundamentais: a procura de fundamentos teóricos e a noção de que os arquivos só fazem sentido no mundo dos sistemas de informação (Silva *et al.*, 1999). Ao longo dos anos 80 a preocupação dos arquivistas canadianos com a organização e as investigações no âmbito do aprofundamento teórico da Arquivística originam diversos trabalhos e obras. Vários estudos começam a colocar a Arquivística com um estatuto de ciência. A produção de estudos científicos começa a aumentar, não só no Canadá e nos Estados Unidos da América, mas também ao longo de toda a Europa.

A normalização começa a ser um aspeto a ter em consideração, pelo que a terminologia e a elaboração de normas descritivas passam a ser temas de grande interesse para a comunidade arquivística. Esta questão da normalização atinge um maior relevo e preocupação aquando a introdução dos meios informáticos na prática da arquivística. Assim, na década que se segue, assiste-se à criação de duas normas de grande importância para a prática arquivística: a ISAD (G) – *General International Standard Archival Description* e a ISAAR (CPF) – *International Standard Archival Authority Record for Corporate bodies, Persons and Families*.

#### **1.1.4 A mudança de paradigma**

Na década de 90 começa-se a colocar a questão da importância da informática no processo de gestão dos documentos. A sociedade moderna reflete, sem dúvida alguma, a complexificação da atividade humana decorrente num mundo visivelmente marcado pela globalização, pela utilização cada vez mais assídua das tecnologias de informação e das redes de comunicação. A estes fatores junta-se a impreterível necessidade de aceder à informação de forma rápida, eficaz e eficiente, na qual a qualidade e pertinência são critérios que definem a integração, ou a info-exclusão, na Sociedade de Informação (Pinto, 2001). Neste sentido, a Arquivística não pode ficar inerte face às mudanças de

uma Sociedade da Informação caracterizada pelos avanços tecnológicos, nem prender-se a uma visão meramente técnica ou instrumental, como se figurava na época da Revolução Francesa. Assim, o conhecimento empírico acumulado ao longo dos tempos deve ser complementado pelo conhecimento arquivístico.

O primado do fazer cede lugar ao do conhecer e a Arquivística surge como “uma ciência da informação social que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi-) fechados), quer na sua estruturação interna e dinâmica própria, quer na interacção com os outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente” (Silva *et al.*, 1999). A Arquivística entra, portanto, numa nova era onde começa a ser inserida no âmbito da Ciência da Informação e se procede a uma maior clarificação do seu objeto de estudo e do seu método.

Nesta época reúnem-se, portanto, condições que propiciam a emergência de um novo paradigma, o paradigma pós-custodial, informacional e científico em que se insere a proposta de um modelo sistémico. No seio deste paradigma surge uma Arquivística<sup>3</sup> como ramo da Ciência da Informação definida pelo Dicionário Eletrónico de Terminologia Ciência da Informação como “uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação) ” (DeltCI,2007a). Provida de um corpo teórico e metodológico próprio resultante da interação dinâmica entre várias disciplinas como a Arquivística, a Biblioteconomia, a Documentação e os Sistemas de Informação, entre outras, a Ciência da Informação configura-se, portanto, numa ciência trans e interdisciplinar. Aspeto que acaba por ser um contributo valioso e enriquecedor para as várias ciências em interação.

Atualmente a Arquivística não possui uma perspetiva consensual e depara-se, portanto, perante a coexistência de duas perspetivas enraizadas no seio de dois paradigmas distintos: a visão “clássica” do paradigma custodial histórico-tecnista e a visão sistémica do paradigma pós-custodial científico-informacional.

---

<sup>3</sup> Designação que se foi impondo no século XX.

## **1.2 A perspetiva “clássica”: o paradigma custodial, histórico-tecnista**

A perspetiva clássica, também designada como tradicional, ergue-se no âmbito do paradigma custodial, patrimonialista, historicista e tecnista que surge dos ideais da Revolução Francesa. A forte carga patrimonialista e historicista atribuída aos documentos posiciona-os como objeto de estudo desta abordagem, pelo que é dado grande ênfase ao valor físico dos documentos, bem como à sua descrição física e informativa, de forma a criar instrumentos de pesquisa (catálogos, índices, entre outros), independentemente da ligação existente. A visão essencialmente tecnista e instrumental da prática arquivística no paradigma custodial, histórico-tecnista, baseada em documentos normativos, valoriza a ordenação, o acondicionamento e conservação do suporte em detrimento do seu conteúdo.

Este modo de ver e fazer encontra fundamentação teórica na noção instrumental e incorporacionista de “fundo”, bem como nos princípios baseados na evidência e no pragmatismo – o princípio do respeito pelos fundos (também conhecido como princípio da proveniência) e o princípio da ordem original. Para fazer a divisão dos arquivos, a perspetiva clássica tem por base a teoria das três idades e a propriedade dos mesmos. A teoria das três idades atribui três fases distintas aos documentos: fase ativa (os documentos são usados com bastante frequência), fase semi-ativa (os documentos são conservados, mas pouco utilizados) e a fase inativa (os documentos são inseridos num arquivo definitivo, com valor histórico ou probatório). Desta linha de raciocínio, e de acordo com o ciclo de vida dos documentos, resultam arquivos correntes, arquivos intermédios e arquivos definitivos e/ou históricos. A outra forma de proceder à divisão do arquivo prende-se com a propriedade dos mesmos, da qual resultam arquivos públicos e arquivos privados (Oliveira, 2010).

No que concerne à organização dos arquivos, o ponto de vista tradicional assenta na descrição da informação de acordo com a tipologia, através de classificações funcionais, temáticas e individualizadas, com vista à criação de instrumentos de pesquisa (índices, catálogos, entre outros) e à organização física dos documentos para posterior acesso. É, de facto, uma perspetiva com forte componente técnica e instrumental que se baseia em documentos normativos para a prática arquivística.

As principais normas utilizadas no âmbito da arquivística são a ISAD (G) – Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística – e a ISAAR (CPF) – Norma Internacional de Registo de Autoridade Arquivística para Pessoas Coletivas, Pessoas Singulares e Famílias. Como o próprio nome indica, a ISAD (G) estabelece diretrizes gerais para a preparação de descrições arquivísticas. A norma, desenvolvida pelo Conselho Internacional de Arquivos, apresenta sete campos de descrição arquivística: área de identificação, área de contextualização, área de conteúdo e estrutura, área de condições de acesso e uso, área de fontes relacionadas, área de notas e área de controlo da descrição. A descrição arquivística resultante da ISAD (G) apresenta uma estrutura multinível, partindo de um princípio hierárquico do geral para o particular. Assim, a norma possibilita a contextualização e representação das relações hierárquicas entre o fundo e as partes que o compõem. A ISAAR (CPF) faculta orientações para melhorar a compreensão de conceitos e melhores práticas no processo de documentar o contexto dos arquivos, ou seja, fornece orientações para normalizar a descrição arquivística dos produtores de documentos de arquivo e do contexto em que esses documentos foram produzidos. Note-se que as entidades associadas à produção de arquivo podem ser pessoas coletivas, pessoas singulares e famílias. Nesta norma, os elementos de descrição são organizados em quatro zonas: zona da Identificação, zona da descrição, zona das relações, e zona de controlo.

Para incrementar a descrição arquivística e posterior recuperação da informação é fundamental que se conjugue ambas as normas, a ISAD (G) e a ISAAR (CPF), pois desta forma obtêm-se os princípios gerais sobre os quais o trabalho de descrição arquivística se baseia e estrutura.

### **1.3 A perspetiva sistémica: o paradigma pós-custodial, científico-informacional**

A perspetiva sistémica do emergente paradigma pós-custodial, informacional e científico vem atribuir uma nova importância ao conteúdo informacional em detrimento do suporte, valorizando a informação enquanto fenómeno humano e social.

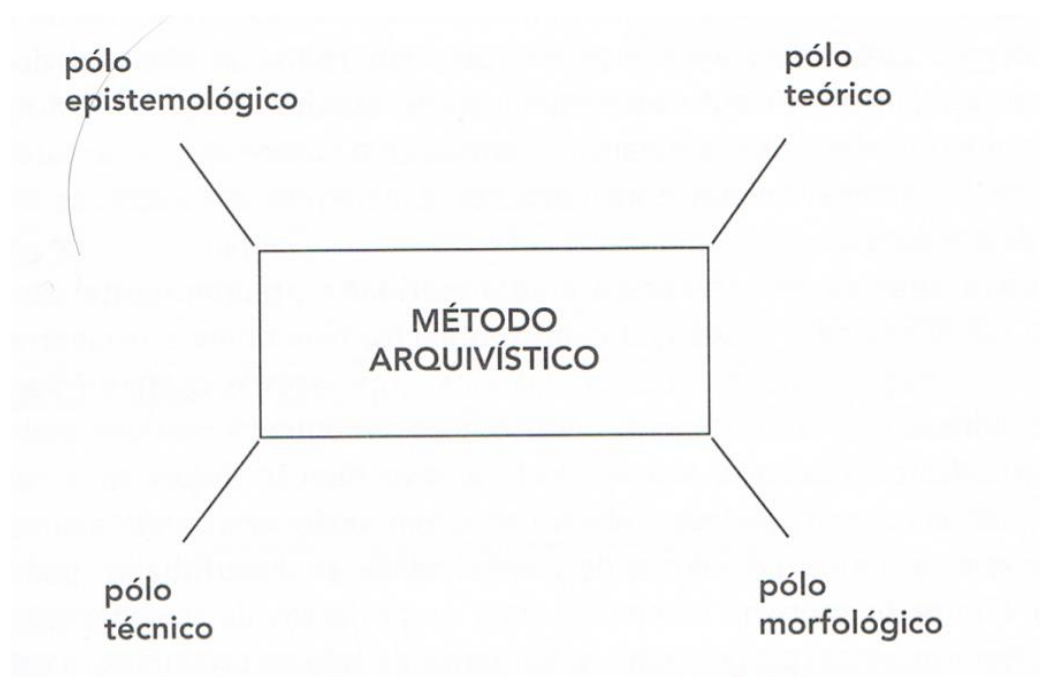
A arquivística baseada apenas no valor físico e patrimonial dos documentos não é compatível com o trabalho científico, com a sua exigência de investigação. Um

documento apenas serve de suporte à informação, pois “o documento pode materialmente existir como coisa, mas epistemologicamente só existe amarrado ao binómio informação-comunicação” (Silva,2004). Ora, um documento por si só, enquanto suporte, não garante o fenómeno info-comunicacional. Nesta perspetiva insere-se a proposta de uma teoria sistémica que analisa a informação que o objeto fornece, o seu conteúdo, de forma a possibilitar um aprofundamento do conhecimento do Sistema de Informação.

De acordo com a Teoria Sistémica o arquivo é perspectivado como um sistema de informação social (semi-) fechado caracterizado por três componentes – a estrutura (de índole orgânica), a função (referente ao serviço/uso) e a memória. Quanto à sua estrutura orgânica o arquivo pode ser unicelular ou pluricelular. O arquivo unicelular é um sistema sem divisões sectoriais, gerado por uma entidade individual ou coletiva e caracterizado pela sua reduzida dimensão. Por sua vez, o arquivo pluricelular é um sistema de estrutura organizacional média ou grande, e está dividido em dois ou mais sectores funcionais. De notar ainda que é possível formar subsistemas baseados em estruturas unicelulares, como é o caso das pessoas e de certas famílias (Silva *et al.*, 1999).

No entanto, esta componente por si só não é suficiente para obter o conhecimento geral de um sistema de informação. Assim, da estrutura orgânica aliada à componente serviço/uso é possível identificar dois tipos de sistema: o centralizado e o descentralizado. O sistema centralizado é aquele que, independentemente de ser unicelular ou pluricelular, controla e concentra toda a informação fisicamente num único ponto, onde faz o tratamento da mesma. O sistema descentralizado é um sistema pluricelular que procede ao controlo da informação através da atribuição de autonomia aos sectores orgânico-funcionais e por vezes subsistemas, ajustando o tratamento técnico à descentralização exercida. Há ainda que considerar outro tipo de sistema, resultante do modelo centralizador desenvolvido após a Revolução Francesa, os sistemas centralizados. Os arquivos especializados são sistemas pluricelulares concebidos especialmente para incorporar, preservar e divulgar qualquer arquivo desativado (arquivo no qual a entidade produtora cessou a sua atividade) ou informação sem interesse administrativo proveniente de arquivos ativos (arquivos cuja entidade produtora continua a desenvolver a sua atividade) (Ribeiro, 1998).

Para que a Arquivística seja assumida como ciência não basta, contudo, caracterizar o seu objeto de estudo, é necessário também que apresente um método apropriado. Esta questão metodológica é crucial e deve-se considerar um dispositivo metodológico com capacidade de agregar duas vertentes: a quantitativa para quantificar aspetos do objeto passíveis de observação (participante ou não participante), de experimentação (para testar os modelos possíveis de recuperação de informação) e de medida (relativa ao consumo de informação nos arquivos); e a qualitativa na qual se procede à interpretação/explicitação e à formulação de hipóteses/teorias. Neste sentido, o método arquivístico afirma-se através de um método de investigação quadripolar, um dispositivo metodológico pensado para a investigação qualitativa em Ciências Sociais e Humanas e aplicado à Ciência da Informação – o Método Quadripolar (ver Figura2).



*Figura 2 - Método Quadripolar de Paul de Bruyne e outros (1974) FONTE: Silva et al., 1999*

Esta prática metodológica proposta em 1974 por Paul De Bruyne, Jacques Herman e Marc De Schiutheete consiste na interação dinâmica entre os quatro pólos

que o compõem – epistemológico, teórico, técnico e morfológico. Explícita ou implicitamente, toda a investigação inclui os quatro pólos e, dado que o Método Quadripolar não se restringe a uma visão meramente técnica ou instrumental, apresentando uma visão holística do processo de investigação torna-se, portanto, num dispositivo metodológico adequado às exigências de um conhecimento científico.

No pólo epistemológico pretende-se garantir a objetividade da investigação, limitar os problemas e assumir um paradigma, o paradigma emergente em Ciência da Informação – pós-custodial, informacional e científico. No pólo teórico delimita-se a problemática da investigação, formulam-se as hipóteses ou teorias, e verifica-se a confirmação ou refutação das mesmas. Nesta etapa é importante salientar a aplicação da Teoria Sistémica à investigação deste projeto. O pólo técnico consiste no contacto, por via instrumental, com a realidade incluindo, portanto, os procedimentos de recolha e análise de informação pertinentes à problemática da investigação. Neste pólo destaca-se a importância da análise documental (para construir a estrutura orgânico-funcional do Sistema de Informação) e da abordagem sistémica. No pólo morfológico trata-se da organização dos dados e da apresentação dos resultados da investigação.

“Na actual e emergente ERA DA INFORMAÇÃO é, no mínimo, bastante frágil e controverso insistir na ideia de uma Arquivística, ciência autónoma, além de contraditório porquanto não é raro depararmos com os que, simultaneamente, defendem essa autonomia e a noção de campo interdisciplinar!” (DeltCI, 2007b). A arquivística do paradigma pós-custodial, científico e informacional apresenta-se, portanto, como um ramo ou disciplina aplicada da Ciência da Informação, cujo cariz aplicacional se ajusta à Teoria Sistémica, e o objeto de estudo (arquivos) é analisado numa perspetiva sistémica.

Após a análise das duas teorias (“clássica” e sistémica) e tendo em conta os paradigmas que lhes são inerentes, parece-nos que a Teoria Sistémica é a abordagem mais adequada para o estudo desenvolvido. A Teoria Sistémica desprende-se da visão tecnicista vincada na teoria tradicional adotando uma postura na qual se atribui mais importância ao conteúdo do documento em detrimento do seu suporte. Assim, permite a elaboração de um estudo mais aprofundado relativamente ao objeto, bem como à sua interligação com os demais, contribuindo para o entendimento global, uma compreensão holística do Sistema de Informação. Deste modo, a terminologia adotada



para o estudo do Sistema de Informação de Manuel Marques do Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto estará em concordância com a que é aplicável no âmbito da Teoria Sistémica.

A Arquivística atravessou imensas mudanças evolutivas ao longo da sua história, pelo que se assiste ao incremento da publicação de literatura especializada na área, especialmente com o surgimento do Conselho Internacional de Arquivos. No entanto, apesar das publicações sobre a Arquivística e o seu objeto de estudo em geral terem aumentado, atualmente deparamo-nos com a reduzida publicação de trabalhos de investigação que versam a temática dos arquivos pessoais. Desconhecidos ou utilizados apenas por quem os produziu, ou quando muito, por alguns investigadores que têm conhecimento da sua existência, os arquivos pessoais continuam a ser desconhecidos ou ignorados pela maior parte das pessoas. É neste contexto, é devido a esta falta de enfoque na literatura sobre os arquivos pessoais, bem como à necessidade de resolver um problema real que surge o presente estudo.

#### **1.4 Plataformas tecnológicas nos Arquivos Pessoais**

Vários estudos revelam um considerável leque de *softwares* de gestão arquivística, sendo que a maioria são *softwares* proprietários. A atual diversidade destes *softwares* leva a que a escolha do mesmo seja um processo ponderado e colaborativo, no qual todos os *stakeholders* possam intervir na decisão. Segundo um estudo realizado por Spiro (2009), os arquivistas quando confrontados com a ideia de um *software* ideal apontam as seguintes características como fundamentais: integração (possibilidade de inserir os dados uma única vez e gerar vários outputs); importação de dados herdados; fácil exportação de dados; capacidade de publicação na internet; flexibilidade e fácil utilização; rigor e baseado em padrões; apresentação de recursos de gestão e acompanhamento das operações; portabilidade; auxílio na definição de prioridades para o processamento.

##### **1.4.1 Critérios para seleção de *software* de gestão arquivística**

Tendo em consideração a panóplia de plataformas de descrição arquivística, tanto *softwares* proprietários como *open source*, a seleção da plataforma mais adequada à

necessidade do arquivo não deve ser tomada de ânimo leve, pelo que se deve definir uma lista de requisitos prioritários. Além disso, convém salientar que não existe uma única plataforma que se destaque como a mais apropriada para a gestão arquivística. Cada caso é um caso distinto e é a especificidade, bem como as necessidades sentidas em cada caso que levam a que uma ou outra plataforma seja utilizada. Assim, a tomada de decisão deve ter em consideração o seguinte conjunto de critérios:

- Open Source versus comercial – este é um dos primeiros critérios a ter em conta, porque dependentemente da escolha tomada, todos os outros critérios serão influenciados. Neste âmbito, o código aberto apresenta inúmeras vantagens: gratuito, rápida correção de bugs, personalizável, apoia a internacionalização, flexibilidade, isento de taxas de licenciamento. Contudo, em casos de *software open source* nos quais não há apoio/assistência, os utilizadores apenas podem recorrer à comunidade. O *software* comercial pode preencher esta lacuna uma vez que fornece assistência técnica.
- Hospedagem por empresa ou instituição local – para as instituições que não têm infraestrutura técnica para instalar e manter um sistema de gestão arquivística, a solução pode passar pela hospedagem de um *software*. Contudo, a opção de alocar uma plataforma por uma empresa, a instituição que a acolhe deixa de ter tanto controlo sobre os dados e a forma como estes são apresentados. Assim, cada vez que for necessário alterar a interface, a instituição fica dependente da empresa para fazer as alterações desejadas. Além de que a hospedagem do *software* implica custos anuais (hardware, suporte técnico, taxas de licenciamento, *etc.*).
- Custo – o custo é, muitas vezes, o fator determinante da seleção da plataforma tecnológica a utilizar. Os custos podem ser relativos ao *hardware*, suporte técnico, licenciamento, manutenção, treino e customização. Um aspeto a ter em conta é que muitas vezes os *softwares* mais caros são aqueles que têm mais recursos. Por isso, antes de qualquer decisão é importante tomar consciência de quais são os recursos essenciais para que, na hora da escolha da tecnologia, não se escolha recursos que

não vão ser necessários.

- Sustentabilidade – o que aconteceria se uma empresa deixasse de fornecer suporte para uma plataforma tecnológica, o que fariam as instituições que utilizam esse *software*? Ora, este é um critério que pode ser ultrapassado através de tecnologias de código aberto, uma vez que outros programadores podem continuar a desenvolver o *software* mesmo após o criador original deixar de o fazer. Ainda assim, é importante que se garanta que os dados possam ser facilmente exportados em formatos padrão para assegurar a sua utilização a longo prazo.
- Qualidade de atendimento ao cliente – a partir do momento em que se começa a utilizar o *software* de gestão arquivística é inevitável que surjam dúvidas, questões, problemas (seja por não saber utilizar o *software*, seja por questões mais técnicas como erros). É, portanto, necessário que o atendimento ao cliente seja de qualidade, quer seja por parte dos fornecedores ou, no caso do *software open source*, por parte da comunidade de utilizadores. Em alguns casos esta assistência está incluída nas taxas manuais de manutenção, mas noutros casos implica custos adicionais. Nas plataformas *open source* a assistência pode não ser tão boa como no *software* comercial, mas por vezes forma-se uma comunidade viva que fornece ajuda tanto àqueles que têm alguma questão/dúvida, como aos que estão a experimentar o *software* pela primeira vez, tornando-se assim um recurso valioso. Além disso a assistência neste tipo de plataformas também pode ser disponibilizada através de consultorias ou dos próprios desenvolvedores.
- Padrões arquivísticos – a escolha de *softwares* que atendam aos padrões arquivísticos (como por exemplo EAD, MARC e EAC, entre outros) permite uma aderência às melhores práticas e facilidade na interoperabilidade.
- Software baseado na Web versus cliente de *desktop* – alguns *softwares* são completamente baseados na Web, enquanto que outros requerem um

cliente de desktop (normalmente é utilizado um PC) e uma conexão a uma base de dados *backend*. Por um lado, o *software* baseado na Web pode ser mais intuitivo para alguns utilizadores e permitem que as informações sejam publicadas na Web logo quando são inseridas. Por outro lado, uma interface baseada em clientes pode fornecer maior controlo sobre os dados, mas mais uma vez se coloca a questão dos custos (pode ser necessário, por exemplo, pagar uma taxa por cada computador que tenha o *software* instalado).

- Publicação online versus criação de EAD – muitos *softwares* comerciais oferecem suporte para o acesso online aos registos, por vezes através da compra de um módulo adicional. Contudo, alguns arquivos já têm um mecanismo para a publicação dos registos na Web, pelo que preferem um *software* que lhes permita exportar esses registos para o seu próprio sistema de publicação na Web.
- Linkagem de objetos digitais – além da disponibilização *online* da informação arquivística é importante que se proceda também à disponibilização digital dos próprios documentos (imagens, textos, vídeos, ...). Para tal, já existem *softwares* de gestão arquivística que fornecem uma função de “biblioteca digital” ou “exposição online”. Assim, é importante ter em atenção quais os formatos de meta-informação que são suportados e a forma são apresentados.
- Gestão dos Sistemas de Informação – neste âmbito, algumas plataformas fornecem um forte suporte que inclui, entre outros aspetos, funções de avaliação, conservação, direitos e restrições, estatísticas de utilização, gestão de pedidos de documentação e serviços de referência. Outras plataformas incidem mais na componente da descrição arquivística, em vez da gestão dos Sistemas de Informação. Porém, há *softwares* que agregam as duas vertentes.
- Relatórios, estatísticas e gestão de projetos – alguns *softwares* permitem a elaboração de diversos tipos de relatórios e estatísticas (por exemplo,

quais os sistemas de informação mais solicitados, qual a extensão de cada um, ...). Estas indicações podem ser um recurso valioso e servir de critério para definir prioridades no tratamento arquivístico.

- Fiabilidade e maturidade – neste ponto devem-se ter em conta duas realidades: os *softwares* já desenvolvidos e testados e os que estão ainda em vias de desenvolvimento. Ora, se por um lado ainda há relutância ou receio de usar versões beta por ainda estarem em desenvolvimento e, portanto, ainda apresentarem erros ou por poderem não passar dessa versão, por outro lado os *softwares* já testados e consolidados podem utilizar tecnologia ou abordagens desatualizadas. Atualmente, os *softwares* estão em constante evolução pelo que a decisão da tecnologia a utilizar deve ser ponderada e ter em conta este fator.

#### **1.4.2 Plataformas tecnológicas para a gestão arquivística**

Tendo em consideração o conjunto de critérios anteriormente apresentados, cada arquivo ou instituição deve refletir sobre as necessidades reais que enfrenta e optar pela plataforma que melhor se adequa e responde a essas necessidades, independentemente dessa plataforma apresentar um conjunto maior ou menor de funcionalidades. O importante não é ter um sistema de gestão arquivística mais completo, pois pode-se cair no erro de obter uma plataforma com uma grande diversidade de funcionalidades e não utilizar grande parte dessas aplicações. O que realmente interessa é que a plataforma adotada sirva da melhor forma possível as necessidades da instituição ou organismo que o procura. Atualmente existe uma panóplia de *softwares*, comerciais e *open source*, utilizados na gestão arquivística. De seguida apresenta-se, de forma sucinta, algumas plataformas tecnológicas *open source* adotadas nesta área.

Tabela 1- Softwares open source utilizados na gestão arquivística.

Software	Responsabilidade	Descrição
<b>Archon</b>	University of Illinois at Urbana-Champaign	<p><b>Pontos fortes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil implementação, personalização e utilização;</li> <li>• Plataforma unificada para descrição arquivística e acesso;</li> <li>• Atualizações automáticas aquando a adição ou edição de registos;</li> <li>• Fácil publicação da descrição <i>online</i>;</li> <li>• Sem necessidade de aprender técnicas de codificação (assim, pode-se focar apenas no tratamento arquivístico dos documentos);</li> <li>• Componente “biblioteca digital”.</li> </ul> <p><b>Pontos fracos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Possível dificuldade na importação de instrumentos de pesquisa devido à variabilidade de EAD;</li> <li>• Não permite formatação de texto;</li> <li>• Fraco suporte na inserção de caracteres digitais;</li> <li>• Não suporta a saída de informação em formato otimizado para impressão.</li> </ul>
<b>Archivists’ Toolkit (AT)</b>	University of California, San Diego Libraries, the New York University Libraries, and the Five Colleges, Inc. Libraries	<p><b>Pontos fortes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Padronização arquivística;</li> </ul> <p><b>Pontos fracos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Difícil importação de instrumentos de pesquisa existentes;</li> <li>• Não tem funcionalidade de publicação online;</li> <li>• Dificuldade na atualização após realização de personalizações;</li> <li>• Ocorrência de erros que não permitem que as informações sejam guardadas corretamente.</li> </ul>
<b>Collective Access</b>	Seth Kaufman	<p><b>Pontos fortes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil customização;</li> <li>• Modelo de dados flexível (suporta padrões de dados diferentes, vocabulários de dados controlados, <i>etc</i>);</li> <li>• Conversão automática de ficheiros e várias opções de visualização de imagens;</li> <li>• Multilingue.</li> </ul> <p><b>Pontos fracos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não tem suporte para exportação DAE ou MARC.</li> </ul>

<b>International Council on Archives- Access to Memory (ICA-AtoM)</b>	Artefactual Systems	<b>Pontos fortes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil implementação, personalização e utilização;</li> <li>• Flexibilidade e personalização;</li> <li>• Suporte de implementações simples ou multi-repositório;</li> <li>• Padronização arquivística de acordo com o Conselho Internacional de Arquivos;</li> <li>• Interface multilíngue;</li> <li>• Funcionalidades de tradução de conteúdo;</li> <li>• Pode ser hospedado com custo mínimo;</li> <li>• Inclusão de objetos digitais;</li> <li>• Edição de texto.</li> </ul> <b>Pontos fracos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Versão beta.</li> </ul>
---	---------------------	--

Além das plataformas *open source* também é necessário ter em consideração a variedade de tecnologias comerciais existentes. Seguidamente, na Tabela 2, serão listados alguns *softwares* comerciais utilizados na gestão arquivística.

Tabela 2- Plataformas comerciais utilizadas na gestão arquivística.

Software	Responsabilidade	Descrição
<b>Cuadra STAR/Archives</b>	Cuadra Associates, Inc.	<b>Pontos fortes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Flexibilidade (nomeadamente na organização hierárquica);</li> <li>• Interface baseada em <i>browser</i> de pesquisa pública.</li> </ul> <b>Pontos fracos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificil personalização da interface.</li> </ul>
<b>CALM</b>	DS (membro da Axiell Library Group)	<b>Pontos fortes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tradução para diferentes idiomas;</li> <li>• Inserção de objetos digitais;</li> <li>• Personalização.</li> </ul>
<b>DigitArq</b>	Arquivo Distrital do Porto	<b>Pontos fortes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampla disseminação;</li> <li>• Exportação para diversos formatos;</li> <li>• Interface que garante a inclusão de cidadãos com necessidades especiais.</li> </ul>

		<b>Pontos fracos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Software</i> descontinuado (esforços focados na nova plataforma – Archeevo);</li> <li>• Versão mais recente é paga, só versões anteriores são gratuitas.</li> </ul>
<b>MINISIS M2A</b>	MINISIS Inc (em colaboração com o Arquivo de Ontário)	<b>Pontos fortes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Flexibilidade e personalização;</li> <li>• Registo de clientes;</li> <li>• Auditoria do espaço.</li> </ul>
<b>Past Perfect</b>	PastPerfect Software, Inc.	<b>Pontos fortes:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Flexibilidade;</li> <li>• Fácil utilização e personalização;</li> <li>• Menus <i>drop-down</i> customizáveis.</li> </ul> <b>Pontos fracos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para obtenção da funcionalidade de inserção de imagens é necessário pagar separadamente.</li> </ul>

Dada a constante atualização de *softwares* na área da gestão arquivística, é de salientar que existem muitas mais plataformas tecnológicas para além das que foram indicadas nas tabelas anteriores.

### 1.4.3 A plataforma ICA-AtoM no arquivo pessoal de Manuel Marques

A implementação de um *software* apropriado pode melhorar não só a eficiência da instituição/organização, mas também o acesso à informação arquivística levando a uma maior satisfação dos utilizadores. Assim, para perceber qual o *software* mais apropriado é necessário entender quais as reais necessidades da instituição que o vai acolher. Desta forma, e tendo por base os critérios anteriormente abordados, bem como o levantamento de vários *softwares* de gestão arquivística realizado optou-se por adotar o *International Council on Archives-Access to Memory* (ICA-AtoM). A seleção desta plataforma passou pelas razões que seguidamente serão explicadas.

Um dos primeiros critérios a ter em consideração foi o custo com a implementação e manutenção do *software*. Desde o início, pretendia-se optar por uma solução tecnológica que não envolvesse qualquer tipo de custos. Por este motivo, as plataformas comerciais foram à partida excluídas e a escolha baseou-se, portanto, nos



*softwares open source.*

É então que surge o ICA-AtoM como uma plataforma de código aberto que promove o livre acesso, não agregando portanto nenhum esforço a nível de custos, e está em conformidade com as normas do Conselho Internacional de Arquivos (C.I.A.), uma entidade de referência na área da Arquivística. Esta plataforma permite que a comunidade arquivística tenha a oportunidade de se envolver diretamente na personalização do ICA-AtoM para uso próprio e para benefício dos outros. A aplicação apresenta então uma interface de pesquisa amigável, flexível e personalizável. Ora, dada a especificidade dos documentos de arquitetura, nada melhor do que um *software* fácil de implementar, personalizar, utilizar e que, para além disso, tenha uma interface multilíngue e permita uma padronização arquivística de acordo com o Conselho Internacional de Arquivos. É certo que alguns *softwares* são personalizáveis e permitem a inserção de objetos digitais, mas só o ICA-AtoM permite implementações simples ou multi-repositório. Esta pode ser uma mais-valia fornecida por esta plataforma pelo que também foi considerada para a adoção do ICA-AtoM.

Um dos aspetos negativos inicialmente apontados ao ICA-AtoM foi o facto de ser um novo *software* que, para já, ainda só possui a versão beta. Isto é, de facto, um dos aspetos que preocupa qualquer instituição na hora de adotar um *software*. Mas para este aspeto há que ter em conta o interesse da *Artefactual Systems* na continuidade do projeto. Neste sentido, a versão 2.0 do ICA-AtoM está prevista para breve. Além disso, o ICA-AtoM permite exportar a descrição arquivística e, sendo o *software* de código aberto, facilmente outros programadores poderiam continuar a desenvolver o *software* mesmo após o criador original deixar de o fazer. Portanto, por tudo o que foi exposto o ICA-AtoM foi a plataforma adotada para a realização do presente estudo, uma vez que parece ser o *software* que fornece maior garantia para atingir os objetivos definidos e para estudar o problema.

## **2. Metodologia de Investigação**

O processo de investigação desenvolvido neste projeto orienta-se por uma metodologia ajustada à especificidade das Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente no que diz respeito à investigação qualitativa desenvolvida nesta área, e aplicada à Ciência da Informação – o Método Quadripolar. A investigação científica não pode assentar numa redutora visão tecnológica ou instrumental. O Método Quadripolar extravasa essa perspetiva meramente tecnicista, permitindo a associação das componentes quantitativas e qualitativas do objeto de estudo. Assim, como resultado da interação dinâmica dos quatro pólos que constituem o Método Quadripolar, é possível obter uma perspetiva mais abrangente, ou seja, uma visão holística do processo de investigação. Explícita ou implicitamente, toda a investigação inclui os quatro pólos seguindo, portanto, a linha de raciocínio postulada no Método Quadripolar.

Os arquivos pessoais, assim como os familiares, têm sido alvo de práticas fragmentadoras, pelo que muitas das vezes esse tipo de arquivos não apresenta toda a documentação pertencente a essa estrutura orgânica. O que normalmente se encontra são simplesmente parcelas desse sistema de informação. Neste sentido, é necessário uma abordagem sistémica, isto é, uma perspetiva holística de todo o sistema de informação que vá para além do aparente. Mais do que aprimorar as técnicas de descrição arquivística, é necessário aprofundar o conhecimento do Sistema de Informação de forma sistemática. Assim, optou-se pela adoção da Teoria Sistémica como forma de abordar o estudo do arquivo do arquiteto Manuel Marques.

Seguindo, portanto, uma perspetiva holística da gestão da informação e com o suporte da Teoria Sistémica em conjugação com o pensamento delineado pelo Método Quadripolar, decidiu-se estruturar o trabalho em etapas de forma a tornar mais fácil a compreensão geral do processo de investigação. Assim definiram-se as seguintes etapas:

- Compreensão do problema – o processo de investigação começa, portanto, com a delimitação do objeto de estudo e da problemática. Para proceder a

uma reflexão sobre o real problema enfrentado pela instituição seguem-se as seguintes tarefas:

- Análise de literatura sobre o tema;
  - Análise da situação atual do arquivo;
  - Elaboração da proposta de dissertação;
  - Elaboração do projeto de dissertação.
- Proposta de solução – ciente da problemática da investigação, o próximo passo consiste na sugestão de uma solução alternativa para o problema. De forma a perceber qual a solução mais adequada é necessário entender as várias perspectivas relacionadas com a gestão de informação nos arquivos pessoais, bem como a definição de conceitos. Para tal, procede-se à reflexão sobre a literatura científica da área e o estado da arte, nomeadamente as plataformas tecnológicas utilizadas para a gestão de informação nos arquivos pessoais. É, portanto, nesta altura que a Teoria Sistémica surge como uma sugestão de abordagem a adotar à investigação deste projeto. É também nesta etapa que se propõe a utilização de uma plataforma eficaz e eficiente para a descrição arquivística e que permita o acesso ao arquivo por parte dos utilizadores – ICA-AtoM. Para decidir quais as soluções mais adequadas ao problema procede-se às seguintes tarefas:
    - Análise de literatura sobre o tema;
    - Análise das plataformas utilizadas na descrição arquivística.
  - Implementação da solução – após a sugestão da solução mais adequada à problemática procede-se à implementação da mesma. Como tal, e com base na Teoria Sistémica, elabora-se o Quadro Orgânico Funcional (QOF). Esta etapa para além de consistir na elaboração do QOF, também é marcada pela utilização da plataforma de descrição arquivística ICA-AtoM. Para a implementação das soluções definidas desenvolve-se as tarefas que se

seguem:

- Análise documental (para desenvolver a estrutura orgânico-funcional do Sistema de Informação);
  - Descrição documental na plataforma ICA-AtoM.
- Avaliação – após a aplicação da Teoria Sistémica e da plataforma ICA-AtoM é altura de proceder à avaliação do Sistema de Informação pelo acesso ao arquivo. A avaliação da proposta desenvolvida será realizada através de um teste, cujo intuito passa por aferir qual a perceção dos utilizadores relativamente à estrutura orgânica e funcional do Sistema de Informação.
  - Análise/Apresentação dos Resultados – depois de todas as etapas anteriores torna-se necessário analisar e refletir sobre as conclusões retiradas do processo de investigação e apresentar todo o processo de investigação. Esta etapa refere-se, portanto, à redação da dissertação e defesa da mesma.

Posto isto, é possível verificar o reflexo do Método Quadripolar no processo de investigação. Ora, o pólo epistemológico tem por objetivo garantir a objetividade da investigação, a construção do objeto científico e a delimitação da problemática da investigação. Esta dimensão do método está refletida na etapa da compreensão do problema. O pólo teórico que surge como a etapa na qual se definem conceitos, formulam teorias e hipóteses, e se verifica a as condições de viabilidade das mesmas encontra-se retratado na etapa da proposta da sugestão na qual se analisa este enquadramento teórico e se propõem soluções para o problema. O pólo técnico no qual se incluem os procedimentos e técnicas de recolha e análise de informação pertinentes à problemática da investigação está claramente definido tanto na implementação da solução como na avaliação do Sistema de Informação.

### **3. Da Instituição ao Arquiteto**

#### **3.1 O Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura**

O ensino da Arquitectura é uma prática à qual já se assistia no século XVIII, mais precisamente a 1779, ano em que foi criada a Aula de Debuxo e Desenho através de um diploma de D. Maria I. O percurso até à homologação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP) passa obrigatoriamente pela evolução do ensino das Belas-Artes em geral e pelos estabelecimentos de ensino que antecedem as faculdades de Arquitectura e Belas-Artes em particular – Academia Portuense de Belas-Artes (1836-1911), Escola de Belas-Artes do Porto (EBAP) (1836-1950) e Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP) (1950-1992).

Em 1881 assiste-se a uma primeira tentativa de reforma das Academias que ministravam esse ensino, resultando num reforço da separação entre a Academia e a Escola das Belas-Artes (Ribeiro e Fernandes, 2001, p.185). Contudo, é com o advento da República que se verifica uma maior valorização quer do património arqueológico e artístico, quer do ensino das artes. As várias reformas republicanas do ensino artístico levam à extinção das Academias de Belas-Artes, à remodelação das Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto e à alteração da organização dos cursos. Só em 1957 é que os cursos de Arquitectura, Pintura e Escultura passam a ser considerados cursos superiores surgindo, portanto, a Escola Superior de Belas-Artes do Porto. O Regulamento das Escolas Superiores de Belas-Artes promulgado nesse mesmo ano levou à divisão do Conselho Escolar em duas secções, sendo que a primeira corresponde ao curso de Arquitectura e a segunda aos cursos de Cultura e Pintura. Estas secções, mais precisamente a primeira irá desempenhar um papel importante no surgimento da FAUP, como será demonstrado posteriormente. Em 1974 o movimento do 25 de Abril reflete-se nas instituições do ensino superior, na medida em que origina medidas não só para instituir a democracia nesses estabelecimentos, como para promover a qualidade científica e pedagógica do ensino superior e garantir a correta utilização das verbas orçamentais provenientes do Estado. É pois, no âmbito dessas reformas do ensino artístico, nomeadamente a reconversão da 1ª Secção da ESBAP que ministrava o ensino da Arquitectura, que resulta a FAUP.

A Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto institui-se perante a lei<sup>4</sup>, como faculdade, em finais de 1979. O seu propósito passa por conceder licenciaturas em Arquitectura e Planeamento Urbanístico<sup>5</sup>, bem como praticar e promover a investigação nessas áreas (Ribeiro e Fernandes, 2001, p.247). Ainda que inicialmente a faculdade tenha funcionado em regime de instalação, já assumia uma postura ativa na adoção de medidas que resolvessem problemas de ordem científica e pedagógica. Porém, só em 1990 é que são homologados os primeiros Estatutos da Faculdade<sup>6</sup> que definem tanto a organização interna da FAUP como as competências dos seus órgãos de gestão. A Faculdade de Arquitectura organiza-se então de acordo com as suas finalidades e é precisamente neste ano que o Centro de Documentação surge pela primeira vez nos regulamentos. Mais tarde, em 1999, devido à remodelação da estrutura orgânico-funcional da faculdade, o Centro de Documentação passa a ser integrado, a par da biblioteca, nos recém-criados Serviços de Documentação.

Ao Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitectura (CDUA) compete a salvaguarda de documentação com “valor patrimonial, histórico, artístico ou documental relativos à arquitectura e urbanismo português e portuense” (Portugal, 2001), pelo que fica a seu cargo um conjunto de tarefas referentes à documentação, desde a sua aquisição, passando pelo tratamento, até à difusão. Mais ainda, as suas competências estendem-se à promoção de ações culturais.

O CDUA, como alicerce da memória da instituição, custodia documentação localizada num rácio temporal que data do início do século XIX, mais precisamente do ano de 1807, até ao presente. Os documentos incorporados, quer por produção da própria instituição quer por doação de arquitetos e/ou familiares, vão ao encontro da missão do Centro de Documentação, pelo que apresentam um grande valor para o estudo da arquitectura portuguesa e portuense, particularmente no período novecentista. Constituída por trabalhos escolares e acervos de arquitetos, a documentação reunida no CDUA abrange variadas tipologias (memórias descritivas, cadernos de encargos, medições e orçamentos, desenhos, modelos/maquetas, fotografias, correspondência, publicações, registos, postais, ...) e os mais diversos

---

<sup>4</sup> Decreto-Lei nº498-F/79 de 21 de Dezembro.

<sup>5</sup> Apesar de constar no diploma de criação da Faculdade, na prática a Licenciatura em Planeamento Urbanístico nunca chegou a funcionar.

<sup>6</sup> Diário da República. 2<sup>a</sup>série. Lisboa. 43 (20.Fev.1990) 1.835-1.839.

suportes (papel, papel vegetal, papel heliográfico, papel *blueprint*, *amocê*, acetato, tela, cartolina, madeira, esferovite, cortiça/corticite, ...).

Atualmente, o Centro de Documentação é constituído por dois grandes fundos – atividade escolar e arquivos de arquitetos – e respetivos sub-fundos, séries e documentos. O primeiro é constituído essencialmente por documentação proveniente da EBAP e ESBAP, mas também por documentação produzida já na FAUP. O segundo é composto por documentação relacionada com a atividade profissional de arquitetos. Apresenta-se seguidamente, na Figura 3, um esquema que melhor demonstra o anteriormente exposto.

Atualmente este esquema está em fase de estudo, pelo que os profissionais responsáveis pelo Centro de Documentação estão a tentar optar por um organograma que enfatize tanto a componente orgânica como a funcional, em detrimento de uma perspetiva por atividades como tem sido praticada até ao momento.

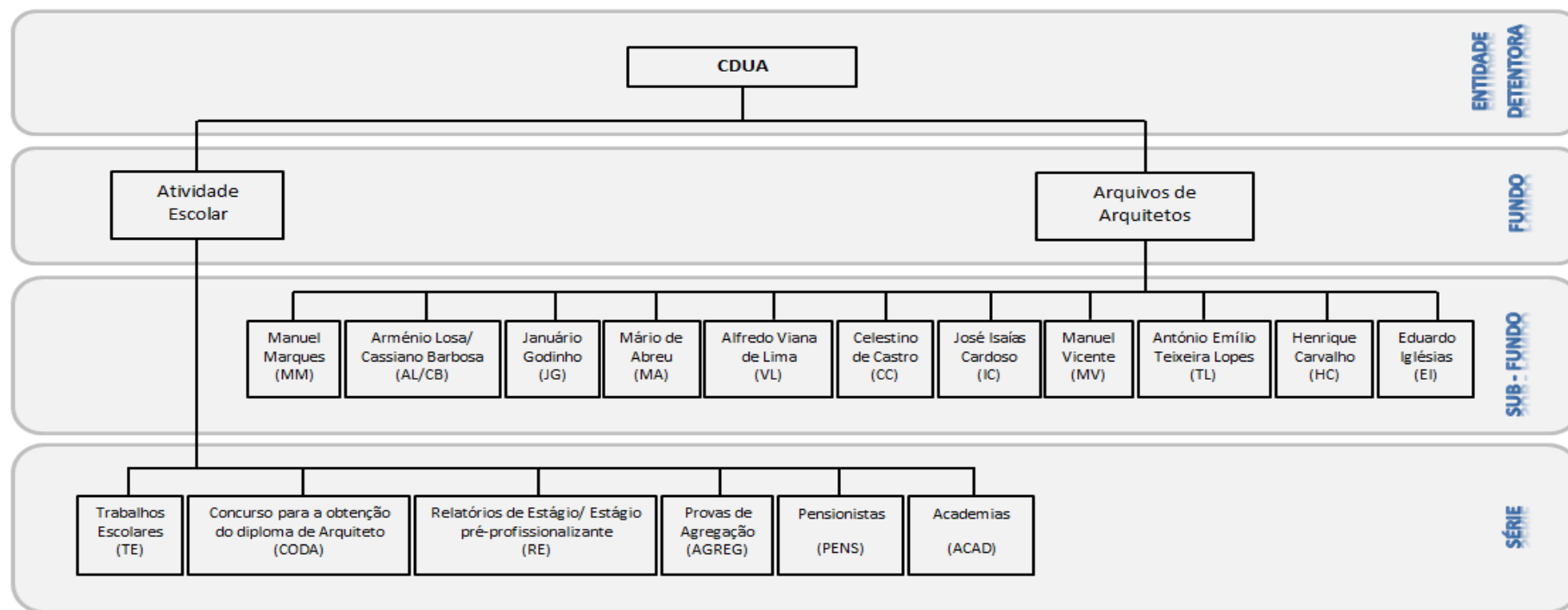


Figura 3 - Configuração da estrutura da documentação no Centro de Documentação.



### 3.2 Vida e obra do arquiteto Manuel Marques

No âmbito da temática dos arquivos pessoais, o objeto de estudo do presente trabalho académico será o arquivo do arquiteto Manuel Marques. Portanto, antes de passar quer à descrição da etapa mais técnica, quer à contextualização da produção documental é necessário entender quem foi Manuel Marques, qual a importância da sua arquitetura para a Faculdade de Arquitetura e, mais precisamente para o Centro de Documentação, bem como de que forma se desenvolveu o processo de incorporação do seu acervo.

Manuel Marques nasceu em Avintes, no concelho de Vila Nova de Gaia, a 25 de Dezembro de 1890. Era filho de Adolfo Marques e Esperança Francisca Pinto, irmão de Adolfo Marques e Francisco Marques e marido de Belmira Gomes Ribeiro. Manuel Marques provém de uma família de distintos entalhadores: o seu pai era artista entalhador e o seu irmão Adolfo Marques era mestre de Talha. Desde cedo demonstrou interesse pela arte, pelo que em 1902, com apenas 12 anos, matriculou-se na Academia Portuense de Belas-Artes onde fez amizade com Marques da Silva, um nome de referência no domínio da Arquitetura. Em 1913 demonstrou a sua aptidão para o desenho ao ganhar o prémio Soares dos Reis num concurso onde participou. Após várias interrupções nos estudos por motivos de saúde, Manuel Marques termina aos 23 anos de idade o curso de Arquitetura na Academia Portuense de Belas-Artes. Até aos 28 anos reparte o seu tempo entre a oficina da família e o *atelier* de Marques da Silva.

Após a Primeira Guerra Mundial, Manuel Marques volta a investir na sua formação e em 1920, à sexta tentativa, consegue a sua admissão como aluno bolseiro na Escola de Belas-Artes de Paris. Inicia então um segundo período de formação onde, à luz do modelo “Beaux Arts”, frequenta os *ateliers* de Godefroy e Pontesmolli. Em 1930, aos 40 anos de idade, obtém o diploma de Arquiteto pelo governo francês passando a desenvolver a profissão. A sua especialização em Paris será refletida posteriormente nos projetos desenvolvidos na cidade do Porto.

De regresso a Portugal, Manuel Marques teve dificuldades em pôr em prática os conhecimentos adquiridos uma vez que naquela altura ainda se recorria ao empreiteiro para a construção de casas de habitação devido à não oficialização da atividade do

Arquiteto (Silva, 1955). Nos tempos iniciais também enfrentou problemas com a oficialização do seu estatuto de arquiteto uma vez que para exercer a profissão em território luso não bastava o diploma do governo francês pois em Portugal só o diploma passado pelas Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto era válido. Assim, para se sustentar teve que recorrer algumas vezes à habilidade de família e ajudar os escultores no seu ofício. Mais tarde, instalou um escritório no Porto e durante cerca de dez anos desenvolveu projetos em parceria com o arquiteto Manuel Amoroso Lopes, tendo também participado em projetos com os arquitetos Marques da Silva, Júlio de Brito, José Peneda e Coelho de Freitas. Como profissional era rigoroso e exigente, deixando a sua marca em diversos lugares, maioritariamente na região norte do país. A sua obra abrange várias tipologias arquitetónicas, nomeadamente casas individuais e coletivas, parques públicos, estabelecimentos comerciais, projetos de urbanização, monumentos, mobiliário e equipamentos. No entanto, Manuel Marques dedicou-se principalmente a obras de decoração, desenho de mobiliário e de transformação de estabelecimentos comerciais.

O seu gosto pela arte não se repercutiu apenas na especialização em arquitetura, pelo que a sua carreira profissional se expandiu ao ensino na Escola de Belas-Artes do Porto, de 1927 até aos anos 50. De 1930 a 1938 também integrou como vogal na Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto. A 11 de Outubro de 1956 Manuel Marques falece aos 66 anos. Posto isto, apresenta-se na Tabela 3 os dados biográficos mais significativos e que naturalmente serão a base da estrutura do quadro orgânico-funcional posteriormente apresentado.

Após esta breve panorâmica da vida e obra de Manuel Marques é possível inferir a importância da sua arquitetura em Portugal, sobretudo no norte do país. Pois, é precisamente por esta razão que no âmbito do trabalho de doutoramento do arquiteto Manuel Mendes e de uma exposição a apresentar em Serralves sobre a arquitetura portuguesa e portuense nos anos 60/80 que surge o interesse na obra do arquiteto Manuel Marques. No decorrer destes projetos o acervo do arquiteto Manuel Marques é doado ao Centro de Documentação, por volta de 1990, pela nora de Manuel Marques. Assim, deu entrada no Centro de Documentação um acervo bastante heterogêneo, constituído por diversas tipologias documentais nos mais variados suportes. Logo que o arquivo de Manuel Marques foi integrado no CDUA, a documentação foi tratada por

alunos no âmbito do seminário de pré-profissionalização que correspondia ao sexto ano de arquitetura. Do trabalho dos mesmos resultou além do relatório de estágio, um inventário sumário que posteriormente foi revisto pela profissional arquivista que está encarregue do Centro de Documentação.

*Tabela 3 - Breve cronologia biográfica de Manuel Marques.*

<b>Cronologia</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Descrição</b>
<b>1890/12/25</b>	–	Nascimento em Avintes, Vila Nova de Gaia
<b>1902</b>	12	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conclusão da instrução primária</li> <li>• Ingresso na Academia Portuense de Belas-Artes</li> </ul>
<b>1913</b>	23	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ganha prémio Soares dos Réis</li> <li>• Conclui o Curso de Architectura na Escola de Belas-Artes do Porto (EBAP)</li> </ul>
<b>1913-1918</b>	23-28	Repartição do tempo entre a oficina da família e o <i>atelier</i> de arques da Silva
<b>1920/07/12</b>	30	Admissão, à sexta tentativa, na Escola de Belas-Artes de Paris como aluno bolseiro
<b>1927-195?</b>	37-6?	Professor na Escola de Belas-Artes do Porto
<b>1930</b>	40	Obtenção do Diploma de Arquitecto pelo Governo Francês
<b>1930-1938</b>	40-48	Integração como vogal na Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto
<b>1930-1956</b>	40-66	Atividade de projetista em regime liberal em Portugal
<b>1956/10/11</b>	66	Falecimento

Fonte: Universidade do Porto, 2013.

## **4. Análise/Discussão dos resultados**

### **4.1 O Sistema de Informação de Manuel Marques: aplicação do modelo**

#### **4.1.1 O Sistema de Informação de Manuel Marques**

A componente técnica do presente estudo resulta da interação que se estabelece entre os quatro pólos do Método Quadripolar, mas com especial enfoque para o teórico, prático e morfológico. Assim foram adotados desde o início alguns procedimentos técnicos indispensáveis para uma boa prática.

Inicialmente levou-se a cabo uma reportagem fotográfica do arquivo de forma a obter um panorama do estado da documentação. Para tal partiu-se de fotografias mais genéricas (estantes, caixas onde a documentação estava acondicionada) até fotografias mais específicas (documentos compostos, documentos simples). Relativamente a este processo de registo fotográfico convém salientar que a documentação já tinha sido tratada e acomodada em 1990 por alunos no âmbito do seminário de pré-profissionalização. Assim, a reportagem fotográfica do estado da documentação não reflete a realidade da altura em que integrou o Centro de Documentação, mas sim o resultado do tratamento e acondicionamento realizado por esses alunos. Posto isto, passou-se à próxima etapa prática correspondente ao processo de limpeza e higienização.

A panorâmica do estado da documentação obtida através de uma primeira abordagem à mesma permitiu a identificação de diversas anomalias. As principais anomalias identificadas prendem-se essencialmente com dobras, vincos, rasgões, ferrugem proveniente da oxidação de regiões do documento próximas a materiais metálicos que uniam os documentos (agrafos, clips, etc.), sujidade superficial e sujidade entranhada que provocou o escurecimento de vários documentos, buracos que por vezes davam um aspeto rendilhado ao documento indicando que este tinha sido alvo da ação de pragas, fungos e manchas que sugeriam a ação da humidade. De todas as patologias, a sujidade é a mais comum entre todas as tipologias documentais. A sujidade por si só é um fator preocupante pois além de degradar o próprio documento e

levar, em último caso, à ilegibilidade do mesmo, também incita ao aparecimento de outros agentes que provocarão a deterioração do documento. Para a remoção da sujidade procedeu-se à denominada higienização mecânica a seco. Para tal, fez-se a limpeza de cada documento utilizando um pincel para remover a sujidade superficial. Em casos de sujidade entranhada ou na presença de resíduos de grafite, recorreu-se ao uso de uma borracha, com baixo teor de acidificação, e à utilização do pó de borracha, em movimentos suaves e circulares.

Na perspetiva da Ciência da Informação, a preservação implica: a conservação e o restauro. Contudo, isso implicaria a contratação de especialistas da área e despesas em material próprio para este tipo de intervenção, o que por restrições monetárias e temporais seria uma tarefa impossível. Assim, as ações tomadas restringiram-se a uma intervenção de conservação preventiva e quando muito, a tarefas de restauro simples, como por exemplo a consolidação de rasgões. Para tal, foi utilizado a fita adesiva sem ácido e passível de ser removida. Em casos menos graves, e resultantes de um mau acondicionamento de alguns documentos, foi necessário contrariar o sentido dos vincos e dobras recorrendo à utilização de pesos. Em casos pontuais, também se removeram grampos e clips por forma a cessar a ação oxidativa proveniente do ferro.

Paralelamente procedeu-se à descrição documental para uma posterior recuperação da informação tendo em consideração os interesses e as necessidades informacionais dos potenciais interessados. Nesta etapa surgiu desde logo um contratempo relativamente à contextualização temporal devido à ausência de datas nos documentos, o que inviabiliza um estudo exato das datas dos documentos acumulados. Assim, pela informação recuperada é possível apontar a baliza temporal de 1927 a 1955 e quando muito a data extrema de 1956 (ano de falecimento do arquiteto Manuel Marques).

Qualquer sistema de informação originado pelo ser humano tem uma estrutura orgânica associada e, como tal, o Sistema de Informação de Manuel Marques não é exceção. Ele configura-se num sistema assente numa estrutura orgânica simples e, portanto, unicelular e centralizada. A documentação do arquivo de Manuel Marques, num total de 179 documentos compostos referentes a projetos de arquitetura, estava

disposta por quinze gavetas<sup>7</sup>, três caixas (duas caixas de tamanho A3<sup>8</sup> e uma caixa de tamanho A4<sup>9</sup>). A informação estava materializada em vários suportes (papel, papel vegetal, papel heliográfico, papel *blueprint*, *amocê*, tela), numa diversificada tipologia documental (desenhos, fotografias, correspondência, memórias descritivas, cadernos de encargos, medições e orçamentos, faturas, recibos, requerimentos, etc.) e em variadíssimas técnicas (lápiz, tinta, tinta da china, aguarela, etc.). Nas gavetas estavam acondicionadas as peças desenhadas e nas caixas encontravam-se as peças escritas. Ao realizar uma primeira abordagem à documentação, esta evidenciava à partida uma ordenação original que se refletia na numeração atribuída aos documentos relativos a cada processo. Contudo, a organização documental realizada pelos alunos em estágio no ano de 1990 revelava uma ordenação cronológica. Ora, esta ordenação acabou por influenciar a restituição da informação ao momento de produção documental, alterando completamente a ordem original aplicada pelo arquiteto. Neste sentido, tentou-se recuperar a ordem original da documentação embora em várias situações essa ordem estivesse irremediavelmente perdida. É o caso de alguns documentos que foram encontrados em processos que não o original. Alguns eram facilmente identificáveis porque se tinha conhecimento do projeto ou obra de arquitetura em questão, ou até mesmo por traços do desenho ou informações que ele continha e que remetiam para outro processo (por exemplo, a numeração atribuída pelo arquiteto).

Simultaneamente, realizou-se uma análise documental para a reconstituição do instrumento do modelo sistémico, o quadro Orgânico-Funcional, seguidamente apresentado.

#### **4.1.2 O Quadro Orgânico-Funcional (QOF)**

No presente estudo, pretende-se representar o Sistema de Informação do arquiteto Manuel Marques através da distribuição cronológico-contextual da documentação pelas diversas fases da sua vida, por intermédio do Quadro Orgânico-Funcional (QOF). Recorrendo a este instrumento do modelo sistémico – QOF – é possível representar de forma mais exata a realidade e obter uma maior aproximação

---

<sup>7</sup> Dimensão em altura, largura e profundidade: 5,0x119,0x84,0 cm (interior) e 5,0x126,0x93,0 cm (exterior).

<sup>8</sup> Dimensão em altura, largura e profundidade: 8,0x61,7x35,1 cm.

<sup>9</sup> Dimensão em altura, largura e profundidade: 8,0x35,5x25,1 cm.

ao contexto de produção documental. Para a elaboração deste estudo foi necessário realizar, paralelamente ao tratamento arquivístico, uma análise documental que permitisse obter factos biográficos relevantes para a reconstituição do contexto orgânico-funcional do Sistema de Informação. Esta tarefa não foi tão simples quanto se previa inicialmente devido à escassez de informação sobre o arquiteto, bem como a dados biográficos contraditórios no decorrer da análise. Contudo, foi possível chegar a um consenso sobre os dados analisados de forma a permitir a elaboração de uma estrutura orgânica e funcional clara e o mais completa possível.

A título de exemplo e recorrendo à construção de um organograma, será exposto seguidamente na Figura 4 a componente orgânica e funcional inerente ao Sistema de Informação do arquiteto Manuel Marques. Assim, serão representadas as respetivas secções e subsecções do mesmo. As secções correspondem às fases da vida do arquiteto e provêm do contributo de Jean Piaget, entre outros. Nesta etapa houve necessidade de aglomerar duas etapas evolutivas - adolescência e juventude – numa única secção e, consequentemente, adaptar as datas correspondentes às mesmas para melhor representar a atividade desenvolvida pelo arquiteto. Por sua vez, as subsecções representam as atividades desenvolvidas pelo mesmo ao longo das várias fases da vida.

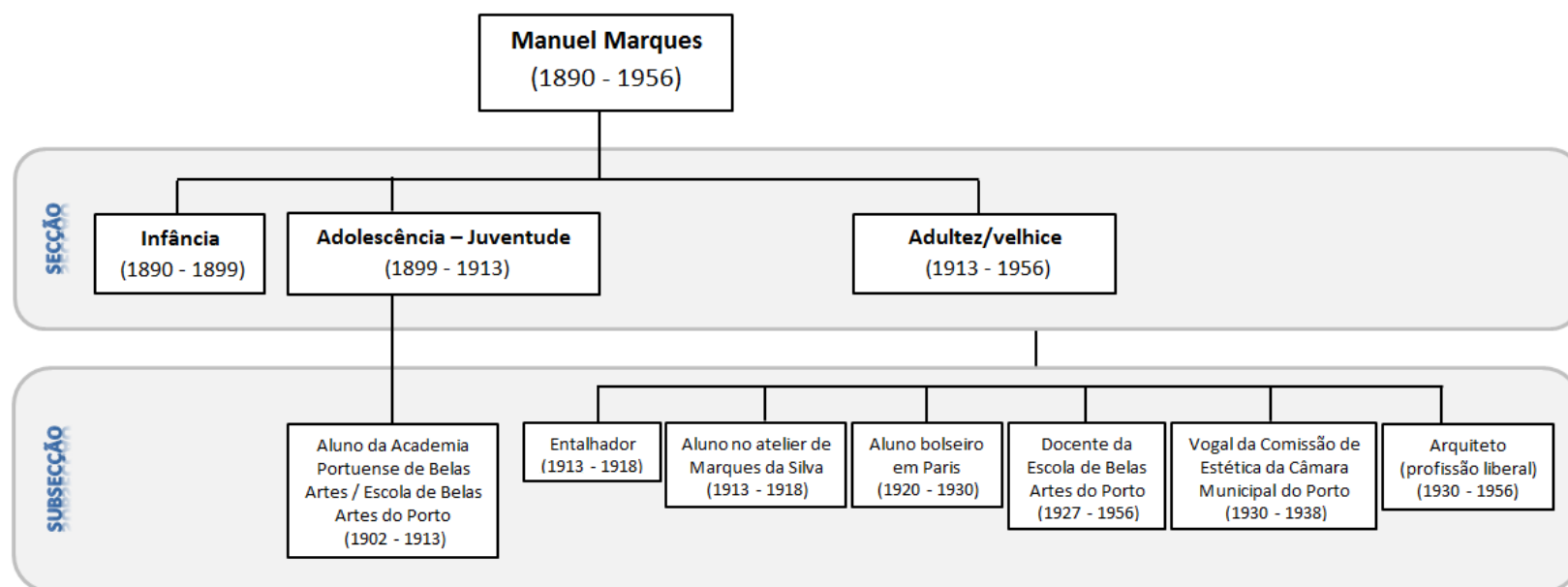


Figura 4 - Organograma.



Dada a restrição temporal inerente a este tipo de trabalho académico e face ao grande volume documental do acervo de Manuel Marques, foi necessário tomar decisões que permitissem o cumprimento dos prazos acordados sem prejudicar os objetivos propostos inicialmente. Desta forma, o Sistema de Informação foi tratado maioritariamente a um nível de documento composto. No entanto, alguma documentação foi tratada ao nível do documento simples, a título de exemplo. Face ao exposto optou-se por não inserir a documentação tratada no organograma anteriormente apresentado, focando apenas a organicidade e a funcionalidade do Sistema de Informação. Para uma compreensão mais clara da documentação existente no Sistema de Informação de Manuel Marques integrada no âmbito deste estudo no QOF recomenda-se a visualização da tabela<sup>10</sup> apresentada no ANEXO 1 que corresponde a um relatório retirado do *software* utilizado para a descrição documental.

## **4.2 O Sistema de Informação de Manuel Marques: difusão e acesso**

Atualmente, vivemos numa sociedade marcada pelo avanço tecnológico e, como tal, o acesso presencial à informação está a tornar-se obsoleto quando comparado com as oportunidades que as novas tecnologias proporcionam. Neste sentido, é fundamental acompanhar esta evolução e disponibilizar medidas de divulgação de informação inovadoras. Deste modo, é imprescindível um acesso mais dinâmico, célere e interativo à informação.

A divulgação *online* da informação é certamente uma mais-valia quer para os potenciais interessados, como para o próprio Centro de Documentação, que desta forma pode assegurar o acesso contínuo à informação em formato digital, bem como disponibilizar documentos aos quais o acesso físico seria vedado devido à fragilidade da documentação. Contudo, neste estudo pretende-se ir mais além e selecionar um *software* de gestão de informação que, além de permitir a difusão da informação *online*, também se traduza num instrumento de trabalho eficaz e eficiente para os profissionais do CDUA. Outro aspeto importante a ter em consideração é que a

---

<sup>10</sup> A tabela não é mais do que uma forma de representar o Quadro Orgânico-Funcional, de modo a que seja possível adicionar alguma informação adicional e também para simplificar a leitura da própria distribuição dos documentos pela estrutura orgânico-funcional.

ferramenta informática possua uma estrutura flexível e que se adapte ao modelo sistémico. Ou seja, um *software* no qual se descreva a informação de acordo com as normas arquivísticas internacionalmente aceites e flexível para se adaptar à estrutura orgânica do sistema de informação.

Tendo em conta todos os dados bibliográficos recolhidos ao longo deste trabalho académico no que concerne às características de diversos *softwares*, a escolha incidiu na plataforma ICA-AtoM (*International Council on Archives – Access to Memory*).

#### 4.2.1 A aplicação de gestão de informação arquivística ICA-AtoM

A instalação da plataforma ICA-AtoM foi bastante acessível sendo que as instruções estão disponibilizadas no *site* oficial do *software*. Para fazer qualquer edição de conteúdos ou ter acesso às diversas funcionalidades do *software* é necessário configurar o acesso através da validação por correio eletrónico e senha de acesso. Posto isto, como administrador da página, pode-se gerir as contas de utilizador (atribuindo ou restringindo permissões de tratamento e acesso ao conteúdo) e facilmente configurar os campos de aplicação. No que concerne à edição de conteúdos, o acesso é realizado através da página principal na *web* que pode ser personalizada de acordo com a instituição, como se apresenta na Figura 5.



Figura 5 - Página inicial do ICA-AtoM.

Para proceder à descrição documental foi necessário criar o registo da instituição que fornece informações importantes sobre a mesma, e o registo de autoridade que permitirá fazer uma contextualização da vida e obra do arquiteto Manuel Marques (Figura 6), assim como criar *à priori* a estrutura orgânico-funcional do sistema de informação arquivística. Como já foi referido anteriormente, a estrutura orgânica e funcional assenta numa estrutura formada por secções que representam as etapas evolutivas da vida do arquiteto Manuel Marques bem como, por subsecções que se referem às funções desempenhadas pelo mesmo. As séries, os documentos compostos e os documentos simples são encaixados logo abaixo da subsecção respetiva. A representação desta estrutura é fornecida através de um menu lateral. Simultaneamente é possível visualizar a descrição arquivística selecionada. A introdução da informação é simples e a estrutura do sistema de informação é recriada. Quando existe alguma inconsistência o *software* gera um aviso para notificar a ocorrência (Figura 7).

Visualizar registo de autoridade

Marques, Manuel (1890-1956)		Produtor de
<b>Zona de identificação</b> tipo de entidade: Pessoa Forma autorizada do nome: Marques, Manuel (1890-1956)		<ul style="list-style-type: none"> <li>Agência Bancária - Cupertino de Miranda e Companhia Lda (Preliminar)</li> <li>Ampliação da Vila de Barcelos (Preliminar)</li> <li>Anteprojeto da Ligação das Novas Artérias à Praça do Município (Preliminar)</li> <li>Armazéns Cunha (Preliminar)</li> <li>Asilo da Infância Desvalida (Preliminar)</li> <li>Casa Bancária (Preliminar)</li> <li>Colégio Sant'Ana (Preliminar)</li> <li>Detalhe (Preliminar)</li> <li>Escola de Belas-Artes (Preliminar)</li> <li>Habitação Abílio Teixeira da Silva (Preliminar)</li> <li>Habitação Adélia Mendes de Sousa (Preliminar)</li> <li>Habitação Alfredo dos Santos Henriques (Preliminar)</li> <li>Habitação Ana de Jesus Pinto (Preliminar)</li> <li>Habitação António dos Santos Henriques (Preliminar)</li> <li>Habitação Armando Peres (Preliminar)</li> <li>Habitação Coletiva Manuel Vicente (Preliminar)</li> <li>Habitação Daniel Teixeira Neves (Preliminar)</li> <li>Habitação Domingos Fernandes (Preliminar)</li> <li>Habitação Domingues de Sá Couto (Preliminar)</li> <li>Habitação Engenheiro Mário Filgueiras (Preliminar)</li> <li>Habitação Esmeralda Loureiro (Preliminar)</li> <li>Habitação Esmeralda Loureiro (Preliminar)</li> <li>Habitação Gomes Neto Júnior (Preliminar)</li> <li>Habitação João Rodrigues (Preliminar)</li> <li>Habitação João Tomás (Preliminar)</li> <li>Habitação Joaquim Carregosa (Preliminar)</li> <li>Habitação Joaquim Ferreira (Preliminar)</li> <li>Habitação Joaquim Pinto (Preliminar)</li> <li>Habitação Joaquim Pinto (Preliminar)</li> <li>Habitação Joaquim Pinto (Preliminar)</li> <li>Habitação Júlio Eugénio (Preliminar)</li> <li>Habitação Júlio Gonçalves de Carvalho (Preliminar)</li> <li>Habitação Júlio Gonçalves de Carvalho (Preliminar)</li> <li>Habitação Manuel Guimarães Ferreira (Preliminar)</li> <li>Habitação Manuel Joaquim de Sousa (Preliminar)</li> </ul>
<b>área de descrição</b> datas de existência: 1890-12-25/1956-10-11 história: <div> <b>Dados Pessoais</b>  <p>Filiação: Adolfo Marques e Esperança Francisca Pinto              Irmãos: Adolfo Marques e Francisco Marques              Avós Maternos: António Pinto Soares e Maria Francisca              Avós Paternos: Manoel Marques e Anna Francisca de Jesus              Cônjuge: Belmira Gomes Ribeiro</p> </div> <div> <b>Cronologia</b>  <p>1890/12/25 - Nascimento em Avintes (Vila Nova de Gaia)              1891/03/23 - Batismo              1902 - Conclusão da instrução primária; Ingresso na Academia de Belas Artes do Porto              1913 - Conclusão do curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto; Ganha prémio Soares dos Réis              1913 a 1918 - Distribuição do tempo entre a oficina da família e o atelier de Marques da Silva              1920/07/12 - Admissão como aluno bolseiro na Escola de Belas Artes de Paris, à sexta tentativa              1921 a 1924 - Frequenta os ateliers de Godefroy e de Pontesmoli              1927 a 1957 - Docente na Escola de Belas Artes              1930 - Obtenção do Diploma de Arquiteto pelo Governo Francês              1930 a ? - Atividade de arquiteto em regime liberal              1930 a 1938 - Integração, como vogal, na Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto</p> </div> <div> <b>Observações:</b>  <p>Diploma: ESBAP              Tipologias Arquitetónicas: casas individuais e coletivas, equipamentos, parques públicos, estabelecimentos comerciais, projetos de urbanização e mobiliário. <u>Dedicou-se principalmente a obras de decoração, desenho de mobiliário e de transformação de estabelecimentos comerciais.</u></p> </div>		
<b>funções, ocupações e atividades</b> * Arquiteto, entalhador, docente e vogal da Comissão de Estética da Câmara Municipal do Porto.		
<b>área de controle</b> Identificador da descrição: MM Identificador da instituição: PT/FAUP/CDUA Estatuto: Preliminar Nível de detalhe: Parcial Datas das descrições (criação, revisão e eliminação): 2013-05-26 (revisão) Idioma(s): português Fontes: LEÃO, Manuel. A arte em Vila Nova de Gaia. Coordenação editorial de Duarte Ribeiro. 1ªed. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2005. ISBN 972-97155-4-8. PEDREIRINHO, José Manuel. Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal, do século I à ... »		

[Editar](#)
[Apagar](#)
[Adicionar novo](#)

Figura 6 - Registo de autoridade.

Adicionar ▼ Gerir ▼ Importar ▼ Admin ▼

### Ver descrição arquivística

#### Séries ProjObr - Projetos e Obras de Arquitetura (Preliminar)

- Data - é um elemento obrigatório.%4  
 - Dimensão e suporte%2 - é um %2elemento obrigatório.%4

Zona de identificação	
Código de referência	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr
Título	Projetos e Obras de Arquitetura
Nível de descrição	Séries

Área de contextualização	
Nome do produtor	Marques, Manuel (1890-1956) (1890-12-25/1956-10-11)
História biográfica	
Dados Pessoais	
Filiação	Adolfo Marques e Esperança Francisca Pinto
Irmãos	Adolfo Marques e Francisco Marques
Avós Maternos	António Pinto Soares e Maria Francisca
Avós Paternos	Manoel Marques e Anna Francisca de ...
Entidade detentora	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Pontos de acesso

Ponto de acesso - nome = Marques, Manuel (1890-1956) (Produtor)

Editar Apagar Adicionar novo Duplicar Mover  
 Ligação a objeto digital Importar objectos digitais  
 Ligação a depósito físico

Instituição de arquivo
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Produtor(es)
Marques, Manuel (1890-1956)
Sistema de Informação
Show all
Sistema de Informação M...
Secção AV - Adultez/Velh...
Subsecção Arq - Arquitet...
Séries ProjObr - Projetos ...
Subsérie Obr - Obras de ...
Documento Composto 01...
Documento Simples 01 ...
Documento Simples 02 ...
Documento Simples 03 ...
Documento Simples 04 ...
Importar
XML
CSV
Exportar
Dublin Core 1.1 XML
EAD 2002 XML

Figura 7 - Descrição da informação, estrutura orgânico-funcional e notificação de erro.

A apresentação desta estrutura orgânico-funcional bem como da descrição arquivística está sujeita à normalização subjacente ao *software*, pelo que para seguir um pensamento postulado no modelo sistémico foi necessário fazer algumas adaptações, nomeadamente ao nível da terminologia. Nesta área procedeu-se à substituição do conceito de “fundo” por “sistema de informação”, do conceito de “processo/pasta” por “documento composto” e do conceito “item” por “documento simples”.

No que concerne à apresentação da descrição arquivística, os campos correspondem aos que estão estabelecidos na ISAD (G), no entanto a especificidade dos documentos em arquitetura levou à criação de tópicos na zona do conteúdo e estrutura, mais precisamente no âmbito e conteúdo para que fosse possível descrever o documento de acordo com as necessidades dos potenciais interessados. Relativamente aos pontos de acesso estes foram feitos de acordo com o programa (tipo de projeto) e o lugar. O ponto de acesso referente ao produtor de informação é automaticamente preenchido.

Nesta fase de descrição há uma série de campos que são automaticamente preenchidos devido ao sistema de relações criado na estrutura orgânico-funcional. Como exemplo segue-se a Figura 8.

Ver descrição arquivística

Documento Composto 048 - Agência Bancária - Cupertino de Miranda e Companhia Lda (Preliminar)

Código de referência

PAUP/CDUA MM-AV-Are-ProjDBr-DBr-048

Título

Agência Bancária - Cupertino de Miranda e Companhia Lda

Data(s)

1933 (Produção)

Nível de descrição

Documento Composto

Dimensão e suporte

19 desenhos técnicos e arquitetónicos  
 3 documentos textuais

Nome do produtor

Marques, Manuel (1890-1955) (1890-11-25/1955-10-11)

História biográfica

[Dados Pessoais](#)  
  
 Filiação: Adolfo Marques e Esmeralda Francisco Pinto  
 Irmãos: Adolfo Marques e Francisco Marques  
 Avós Maternos: António Pinto Soares e Maria Francisco  
 Avós Paternos: Manoel Marques e Anna Francisco de ...  
 \*

Entidade detentora

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

História do arquivo

Número original do processo: 074

Ámbito e conteúdo

Projeto de arranjo interior de um edifício já existente.  
  
 Requerente: Cupertino de Miranda e Companhia Lda  
 Localização:  
 Porto  
 Portugal  
 Peças Escritas:  
 Especificação dos trabalhos  
 Aparentamentos  
  
 Peças Desenhadas: plantas, alçados, cortes e desenhos de pormenor

Idioma do material

português

Características físicas e requisitos técnicos

Estado de Conservação: bom

Nota

Projeto realizado em colaboração com o arquiteto Américo Lopes.

Pontos de acesso - assunto

Agência Bancária - Cupertino de Miranda e Companhia Lda

Pontos de acesso - lugar

Porto

Pontos de acesso - nome

Marques, Manuel (1890-1955) (Produtor)

Identificador de descrição

PT PAUP/CDUA 048

Identificador de instituição

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Regime de conservação

ISAD(G), ISAAR(CPF) e OGARQ, 2011

Utilizador

Preliminar

Nível de detalhe

Parcial

Data de criação, revisão, eliminação

2013-05-26 (criação)

Idioma(s)

português

Nota do arquivo

Responsável pela descrição arquivística: Ana Padisco

Instituição de arquivo

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Produtor(es)

Marques, Manuel (1890-1955)

Sistema de Informação

Show all  
 Sistema de Informação MML  
 Escopo AV - Adultos/Velhos...  
 Subescopo Are - Arquiteto (...  
 Série ProjDBr - Projetos d...  
 Subsérie DBr - Obras de Ar...  
 Documento Composto 040 ...

Documento Simples 01 + ...

Documento Simples 02 + ...

Documento Simples 03 + ...

Documento Simples 04 + ...

Documento Simples 05 + ...

Documento Simples 06 + ...

Importar

XML  
 CSV

Exportar

Dublin Core 1.1 XML  
 EAD 2002 XML

Figura 8 - Descrição arquivística.

51

O *software* permite ainda a associação de objetos digitais (imagens, vídeos, etc.) à descrição arquivística. No entanto, no momento em que este estudo está a ser realizado não se prevê uma digitalização da documentação do Sistema de Informação de Manuel Marques. Contudo, esta é uma funcionalidade deveras importante e que deve ser explorada, uma vez que permite a visualização do objeto digital pelo utilizador no momento da pesquisa ao mesmo tempo que se apresenta a descrição arquivística.

Relativamente à recuperação da informação, esta pode ser realizada através dos menus de pesquisa presentes em todas as páginas. Através da pesquisa simples basta digitar uma palavra-chave que o sistema efetua a pesquisa em todas as descrições arquivísticas. Pela pesquisa avançada, é possível definir o campo pretendido e depois basta digitar a palavra-chave para o processo de pesquisa iniciar. Existe ainda uma terceira forma de pesquisa que se realiza através do *browser* de navegação que permite a pesquisa através de: descrições arquivísticas, registos de autoridade, instituições arquivísticas, funções, assuntos, locais e objetos digitais. Até ao momento a recuperação da informação tem demonstrado alguns problemas com o reconhecimento de caracteres especiais. No entanto existem formas de retificar o erro de forma a contornar a situação.

Os resultados da pesquisa são listados até dez documentos contudo, há a possibilidade de apresentar quinhentos por página. Cada um desses resultados remete diretamente para a descrição.

#### **4.2.2 A avaliação do Sistema de Informação pelo acesso**

No âmbito da Sociedade da Informação em que atualmente vivemos, a influência das novas tecnologias e das plataformas sociais, urge a necessidade de adoção de novos métodos para uma melhor interação com o público-alvo. A utilização das redes sociais está cada vez mais em voga, pelo que esta se traduz numa via mais propícia a uma aproximação dos utilizadores. Na atualidade, cada vez mais se denota o contributo das redes sociais no campo da investigação. Desta forma, considerou-se que a validação do modelo sistémico através do acesso teria que passar pela utilização da rede social facebook.

Neste sentido foi criada uma página no facebook (Figura 9) a divulgar o Sistema de Informação de Manuel Marques especificando o âmbito no qual se inseria o projeto.

Posto isto foi pedido a colaboração de alunos da Faculdade de Arquitetura para a participação no questionário.



Figura 9 - Página inicial no facebook.

O teste realizado tinha como objetivo obter a opinião da comunidade académica, nomeadamente de estudantes de arquitetura, sobre a utilidade e a clarificação da estrutura relativa às idades e funções do arquiteto, patente no Quadro Orgânico-Funcional. Assim, o questionário passava pelas seguintes etapas:

1. Visualizar as duas tabelas (ANEXOS 2 e 3) disponibilizadas nos *links* abaixo indicados. Ambas as tabelas têm informação relacionada com alguns projetos realizados pelo arquiteto Manuel Marques.
2. Verificar se a estrutura referente à idade (fases da vida) e à função (atividades profissionais) são parâmetros pertinentes, ou se pelo contrário não se traduzem numa mais-valia na pesquisa.



3. Responder ao seguinte inquérito:

<http://www.survio.com/survey/d/O2D9T6I6E1A1T7B7V>

Pelo que se pode verificar a adesão a este teste não foi muito elevada, pelo que apenas seis pessoas responderam ao questionário (ANEXO 4). Contudo, apesar da baixa adesão ao teste, o que importa é captar a perspetiva dos participantes do estudo. Visto que o teste permite uma análise descritiva das opiniões dos que colaboraram no estudo, é a interpretação destes resultados que permitem realizar uma pesquisa qualitativa. Mais uma vez reitera-se a importância da componente qualitativa fortemente associada ao presente estudo. Por este motivo, ainda que o número de participantes seja baixo, o que realmente importa é o contributo que estes podem fornecer. Posto isto, seguidamente serão apresentados os resultados obtidos no questionário assim como será feita a análise qualitativa dos mesmos atendendo sempre à opinião pessoal de cada um.

O questionário era composto por cinco questões: três fechadas, nas quais os inquiridos tinham de selecionar uma de duas opções, e duas abertas na qual os inquiridos podiam responder livremente e explicitar a sua opinião. As perguntas apresentadas foram as seguintes:

1. Qual dos quadros melhor se identifica com as suas necessidades de pesquisa?
2. Qual o quadro que melhor ajuda a contextualizar o documento a pesquisar?
3. Relativamente ao Quadro Orgânico-Funcional, a idade (fase de vida) e função (atividade profissional) são fatores de interesse?
4. Justifique a resposta anterior.
5. Observações/Sugestões relativamente aos quadros que analisou.

No que diz respeito à primeira e segunda questão foi possível apurar que a maioria dos inquiridos indicou o Quadro Orgânico-Funcional como o mais indicado dos quadros apresentados, como aponta a Figura 10. Relativamente à primeira questão, duas pessoas (33,33%) consideraram que o Quadro de Classificação Funcional é o mais indicado, ao passo que quatro pessoas (66,66%) optaram pelo Quadro Orgânico-Funcional. Na segunda questão as respostas evidenciaram um consentimento geral,

sendo que os seis participantes (100%) apontaram o Quadro Orgânico-Funcional como o quadro que melhor contextualiza o documento a pesquisar.

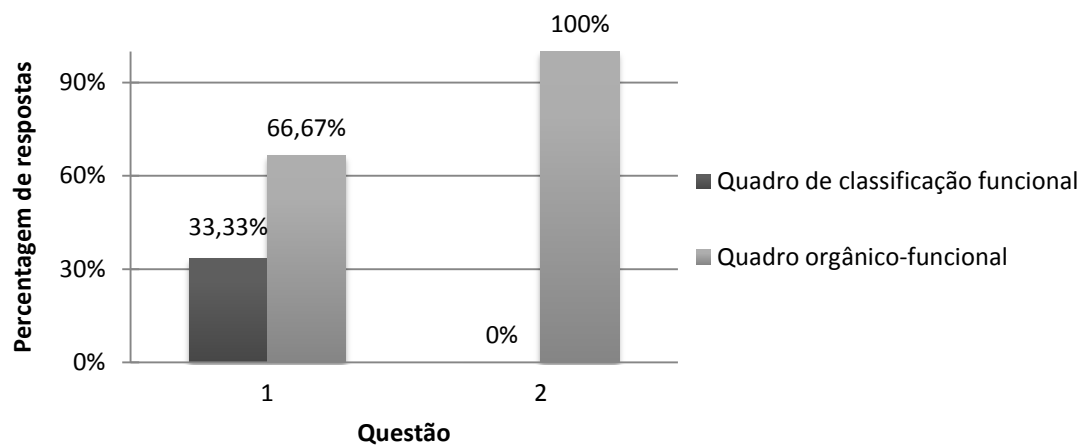


Figura 10 - Resultados obtidos nas respostas às questões 1 e 2 do questionário.

À terceira questão as respostas foram unânimes, pelo que todos os participantes responderam afirmativamente ao interesse da utilização dos parâmetros “idade” e “função” no Quadro Orgânico-Funcional, tal como indica a Figura 11.

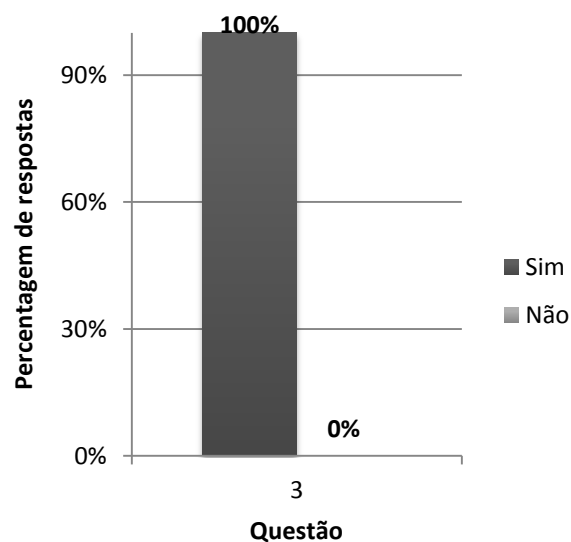


Figura 11- Resultados obtidos nas respostas à questão 3 do questionário.

As duas últimas questões de resposta aberta implicavam a justificação à terceira pergunta, bem como a sugestão de melhorias a implementar em ambos os quadros a analisar. Assim sendo, quando se pediu uma justificação relativamente à importância da utilização da idade e da função, as opiniões revelaram que esta estrutura:

- Permite perceber a influência desses parâmetros no tipo de projeto;
- Permite contextualizar a obra no tempo e perceber se o projeto corresponde a uma época de aprendizagem ou a uma fase mais madura da carreira do arquiteto;
- Poderá fornecer informação adicional relevante;
- Permite uma melhor contextualização do documento.

No que diz respeito às sugestões para uma melhoria dos quadros apresentados, foram apresentados os seguintes aspetos:

- No caso de o Quadro Orgânico-Funcional ter as tipologias de projeto, deixaria de apenas complementar o Quadro de Classificação Funcional, passando a substituí-lo completamente;
- O Quadro Orgânico-Funcional deveria incluir o tipo de programa.

De acordo com as respostas obtidas ao questionário, pode-se inferir que apesar do número da amostra ser reduzido foi possível obter um *feedback* positivo com contributos importantes para o presente estudo, nomeadamente através das perguntas de resposta aberta. Os contributos obtidos através destas questões de resposta aberta atestam a componente qualitativa vinculada ao presente estudo, reforçando a importância de uma análise qualitativa ainda que com um número reduzido de participantes.

Através dos comentários obtidos, pode-se inferir que o Quadro Orgânico-Funcional é útil e que a estrutura orgânica e funcional pode efetivamente contribuir para a contextualização do projeto. Assim, ao nível da validação do modelo sistémico o objetivo delineado para o presente estudo foi conseguido. No entanto são apontadas algumas melhorias que consistem na alteração das subséries de forma a que estas contemplem o tipo de programa (habitação, monumentos, etc.).

A percepção obtida neste teste é satisfatória e levanta questões pertinentes, no entanto para uma percepção mais correta dever-se-á realizar outro teste com uma maior amostra. Convém salientar que o inquérito deve ser direcionado para estudantes e investigadores no domínio das artes pois só é possível esta percepção através de pessoas integradas no âmbito desta área do conhecimento.

## Conclusões e perspectivas de desenvolvimento

Os arquivos desempenham um papel fundamental na memória e divulgação das atividades do ser humano, pelo que os acervos pessoais não são exceção. Estes arquivos têm adquirido ao longo do tempo uma maior visibilidade e, portanto, um maior impacto no seio da sociedade. Embora a literatura relacionada com este tipo de acervos tenha aumentado, continua a ser reduzida. Neste sentido, a elaboração do presente estudo, configurado num estudo de caso, fornece um contributo para esta área do saber.

A adoção do modelo sistémico para a organização do acervo do arquiteto Manuel Marques demonstrou ser bastante satisfatória. A abordagem sistémica revelou-se bastante útil e adequada, na medida em que permite a obtenção de uma visão mais rigorosa da organicidade e funcionalidade existentes no contexto de produção da informação, atuando como a memória do próprio produtor. Assim, foi possível recuperar um panorama geral sobre a vida e obra do arquiteto Manuel Marques, aproximando a documentação ao seu contexto de produção original. Contudo, a deve-se ter em consideração que a descrição arquivística nos acervos de arquitetura, assim como em qualquer área especializada, deve passar por um esforço coletivo entre o gestor da informação e um especialista na área para não cair no erro de transmitir ao utilizador imprecisões técnicas nem provocar danos na estrutura original do acervo.

No que diz respeito à aplicação da plataforma ICA-AtoM para o acesso à informação *online*, pode-se inferir que este *software* se adapta perfeitamente aos requisitos do modelo sistémico. Apesar de estar em conformidade com as normas do Conselho Internacional de Arquivos (C.I.A.), a sua flexibilidade e capacidade de descrição multinível torna-o num *software* capaz de acolher este modelo sistémico, ao mesmo tempo que potencia a descrição do contexto de produção documental e proporciona uma interface de fácil utilização. Assim, constitui um recurso valioso não só para os profissionais que tratam a informação, como também para os potenciais interessados no acesso à mesma.

De forma a validar a proposta realizada no presente estudo, a realização de um teste foi a opção que melhor se adaptou ao tipo de estudo pretendido no qual a análise

qualitativa ocupa um papel central. Sabia-se, à partida, que a adesão a este teste podia não ser muito elevada devido à crescente utilização de questionários nas redes sociais. Contudo, apesar de a amostra ser reduzida foi possível obter resultados importantíssimos para o presente estudo. Dos resultados obtidos pode-se inferir que as componentes da organicidade e da funcionalidade são aspetos úteis e a ter em consideração. Contudo, a estrutura da série e da subsérie deverá ser reformulada de forma a apresentar não só a fase da construção, mas também o tipo de programa. Ou seja, é importante que o Quadro Orgânico-Funcional contemple a série correspondente à fase de construção do projeto (não construído, construído, demolido, etc.), mas também possua na subsérie o tipo de programa a que o projeto se refere (habitação, comércio, monumento, etc.). Se o Quadro Orgânico-Funcional obedecer a uma estrutura deste género então será um instrumento extremamente útil na área da arquitetura.

Apesar de os resultados do teste apresentarem contributos importantes para o presente estudo, será importante realizar em investigações seguintes, mais testes a estudantes e/ou investigadores na área da arquitetura ou no domínio das artes e, se possível, de forma a abranger uma amostra maior. Só assim será possível obter resultados mais rigorosos.

A evolução das tecnologias favorecem a difusão da informação permitindo que se ultrapasse a barreira física e elevando os Sistemas de Informação Pessoal, entre outros, a um novo patamar onde o formato digital lhes confere uma maior visibilidade. Surge assim uma nova oportunidade para a divulgação dos seus serviços e Sistemas de Informação, através da potencialização dos recursos que as novas tecnologia proporcionam.



## Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1997. *Seminário sobre arquivos de família e pessoais*. [Em linha]. Vila Real: Grupo de Trabalho para os Arquivos de Família e Pessoais. [consultado em 2013-01-24].

BRAGA, G. M., 1995. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. *Ciência da Informação* [Em linha]. vol. 24, no. 1 [consultado em 2012-12-01]. Disponível na World Wide Web: <<http://www.revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/download/534/486>>.

BRUYNE, P. D., J. HERMAN AND M. SCHOUTHEETE, 1977. *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*. Traduzido por R. JOFFILY. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A. 251 p.

BUSHEY, J., 2012. International Council on Archives (ICA) “Access to Memory” (AtoM): Open-source software for archival description. *Archivi & Computer* [Em linha]. [consultado em 2013-02-18]. Disponível na World Wide Web: <[https://www.ica-atom.org/download/ICA-AtoM\\_JBushey.pdf](https://www.ica-atom.org/download/ICA-AtoM_JBushey.pdf)>.

CARMONA, C. M., 1995. El largo camino de la archivística: de práctica a ciencia. *SIGNO: Revista de Historia de la Cultura Escrita* [Em linha]. vol. 2 [consultado em 2013-01-05], pp. 113-132. Disponível na World Wide Web: <[http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7479/largo\\_mendo\\_SIGNO\\_1995.pdf?sequence=1](http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7479/largo_mendo_SIGNO_1995.pdf?sequence=1)>.

COELHO, Pedro, 2010. O Arquivo da Liga Portuguesa de Futebol Profissional: uma abordagem sistémica. Tese de Mestrado, Universidade do Porto [consultado em 2012-11-17]. Disponível na World Wide Web: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/58514/1/000147271.pdf>>.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 2002. *ISAD (G): Norma geral internacional de descrição arquivística*. [Em linha]. Tradução do Grupo de Trabalho para a Normalização da Descrição em Arquivo. 2ªed. Lisboa: Instituto dos



Arquivos Nacionais. [consultado em 2013-01-29]. Disponível na World Wide Web: <<http://dgarq.gov.pt/files/2008/10/isadg.pdf>>.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 2004. *ISAAR (CPF): Norma Internacional de Registos de Autoridade Arquivística para Pessoas Colectivas, Pessoas Singulares e Famílias*. [Em linha]. Tradução do Grupo de Trabalho para a Normalização da Descrição em Arquivo. 2ªed. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais. [consultado em 2013-01-29]. Disponível na World Wide Web: <<http://dgarq.gov.pt/files/2008/10/isaar.pdf>>.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, 2008. *ISDIAH: Norma Internacional para Descrição de Instituições com Acervo Arquivístico*. [Em linha]. Tradução de Vítor Fonseca. 1ªed. Reino Unido: Comitê de Boas Práticas e Normas. [consultado em 2013-01-29]. Disponível na World Wide Web: <<http://goo.gl/UsRW5N>>.

CORNELSEN, J.M., 2012. *Escrever com normas: guia prático para a elaboração de trabalhos técnico-científicos*. 1ªed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-26-0108-3.

DELMAS, B., 2001 Archival science facing the information society. *Archival Science* [Em linha]. vol. 1, no. 1 [consultado em 2013-01-05], pp. 25-37. Disponível na World Wide Web: <<http://link.springer.com/article/10.1007%2FBF02435637?LI=true>>.

DeltCI, 2007a. *Arquivística*. [em linha]. Vitória, E.S.: Porto: DCI – CCEJ da UFES, SAJCC da FLUP – CETAC.Media [consultado em: 2013-01-10]. Disponível na World Wide Web: < <http://www.ccje.ufes.br/dci/deltci/def.asp?cod=1>>.

DeltCI, 2007b. *Ciência da Informação*. [em linha]. Vitória, E.S.: Porto: DCI – CCEJ da UFES, SAJCC da FLUP – CETAC.Media [consultado em: 2013-01-10]. Disponível na World Wide Web: < <http://www.ccje.ufes.br/arquivologia/deltci/def.asp?cod=15>>.

DIREÇÃO GERAL DE ARQUIVOS, 2007. *Orientações para a descrição arquivística*. [Em linha]. 2ªed. Lisboa: DGARQ [consultado em 2013-01-29]. Disponível na World Wide Web: <<http://dgarq.gov.pt/files/2008/10/oda1-2-3.pdf>>.

DIREÇÃO GERAL DE ARQUIVOS, 2011. *Orientações para a descrição arquivística*. [Em linha]. 3ªed. Lisboa: DGARQ [consultado em 2013-01-29]. Disponível na World Wide Web: <[http://dgarq.gov.pt/files/2008/08/ODA\\_v\\_3\\_0-12.pdf](http://dgarq.gov.pt/files/2008/08/ODA_v_3_0-12.pdf)>.

DUARTE, Z., 2006-2007. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. *Revista da Faculdade de Letras* [Em linha]. vol. 5-6 [consultado em 2012-11-11], pp. 141-151. Disponível na World Wide Web: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>>.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de, 1994. *Estudo de uso e usuários da informação*. Brasília: IBICT. ISBN 85 7013 040-X.

International Council on Archives, 2000. *A guide to the archival care of architectural records: 19th-20th centuries*. [Em linha]. Paris: International Council on Archives. [consultado em 2013-01-29]. Disponível na World Wide Web: <<http://www.wien2004.ica.org/sites/default/files/ArchitectureEN.pdf>>.

LEÃO, Manuel, 2005. *A arte em Vila Nova de Gaia*. Coordenação editorial de Duarte Ribeiro. 1ªed. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão. ISBN 972-97155-4-8.

LOPERA, M., 2009. Archivística: fundamentación teórica y tradición formativa. *Rev. Interam. Bibliot. Medellín (Colombia)* [Em linha]. vol. 32, no. 1 [consultado em 2012-11-15], pp. 31-45. Disponível na World Wide Web: <<http://eprints.rclis.org/13567/1/Art%C3%ADculo2.pdf>>.

LOPEZ, André, 2003. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. *Gragoatá* [Em linha]. no. 154 [consultado em 2013-04-26], pp. 69-82. Disponível na World Wide Web:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/587/1/ARTIGO\\_ArqPesFronteirasArquivologia.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/587/1/ARTIGO_ArqPesFronteirasArquivologia.pdf)>.

MARTINS, G. e C. THEÓPHILO, 2007. Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas. São Paulo: Editora Atlas S.A.

MASSON, S., 2006. A Arquivística sob o prisma de uma Ciência da Informação. *Arquivística.net* [Em linha]. vol. 2, no. 1 [consultado 2012-11-20], pp. 85-103. Disponível na World Wide Web: <<http://www.arquivistica.net/ojs/include/getdoc.php?id=189&article=56&mode=pdf>>.

MORENO, A. V., 2004. El tiempo de la archivística: un estudio de sus espacios de racionalidad histórica. *Ciência da Informação, Brasília* [Em linha]. vol. 33, no. 3 [consultado em 2012-11-03], pp. 76-96. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a10v33n3.pdf>>.

MOURA, M. and M. GARCIA, 1998. Os documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos* [Em linha]. vol. 11, no. 21 [consultado em 2012-11-10], pp. 175-187. Disponível na World Wide Web: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2070/1209>>.

OLIVEIRA, L. e M. R. CRESPO, 2012. Fundamentos teóricos e estatuto científico da Biblioteconomia e Ciência da Informação. *CRB-8 Digital* [Em linha]. vol. 1, no. 5 [consultado em 2012-11-10], pp. 66-85. Disponível na World Wide Web: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/71/73>>.

OLIVEIRA, Marlene, 2010. O sistema de informação de Mário Cesariny: Estudo analítico, organizativo para a sua dinamização. Tese de Mestrado, Universidade do Porto [consultado em 2012-11-17]. Disponível na World Wide Web: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/65738/1/000147264.pdf>>.

PEDREIRINHO, José Manuel, cop. 1994. *Dicionário dos Arquitectos activos em Portugal, do século I à actualidade*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0348-9.

PINTO, M., 2001. O novo paradigma da arquivística: um estudo de caso *In Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 7º, Porto* [Em linha]. [consultado 2012-11-11] Disponível na World Wide Web: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3090.pdf>>.

PORTUGAL. Assembleia da República, 2001. *Regulamento Orgânico de pessoal não docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Resolução nº 111/2001. D.R. II Série. 205.

REIS, L., 2006. O Arquivo e Arquivística Evolução Histórica. *Biblios: Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información* [Em linha]. vol. 7, nº 24 [consultado em 2012-11-15]. Disponível na World Wide Web: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16172402.pdf>>.

RIBEIRO, F. e A. SILVA, 2002. *Das Ciências Documentais à Ciência da Informação*. Porto: Afrontamento.

RIBEIRO, F. e M. FERNANDES, 2001. *Universidade do Porto: estudo orgânico-funcional: modelo de análise para fundamentar o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo*. [Em linha]. Colaboração de Rute Reimão. Porto: Reitoria da Universidade do Porto. [consultado em 2013-01-25]. Disponível na World Wide Web: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56681/3/501.pdf>>. ISBN 972-8025-12-2.

RIBEIRO, F., 1998. O acesso à informação nos arquivos: Parte I. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto [consultado em 2012-11-17]. Disponível na World Wide Web: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7058/3/fribeirovol01000061435.pdf>>.

RIBEIRO, F., 2001. Archival science and changes in the paradigm. *Archival Science* [Em linha]. vol. 1, no. 3[consultado em 2012-11-10], pp. 295-310. Disponível na World Wide Web: <<http://dx.doi.org/10.1007/BF02437693>>.

RIBEIRO, F., 2002. Da arquivística técnica a arquivística científica: a mudança de paradigma. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património* [Em linha]. vol. 1 [consultado em 2012-11-11 ], pp. 97-110. Disponível na World

Wide Web: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3511.pdf>>.

SÃO JOSÉ, Ana, 2011. Arquivo da secção hidráulica de Viana do Castelo: organização, tratamento e recuperação da informação. Tese de Mestrado, Universidade do Porto.

SILVA, 1955. Os Nossos Artistas: Manuel Marques. *Caminho Novo*. Edição especial. Dezembro. p.7.

SILVA, A., 2004. Arquivos familiares e pessoais: Bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património* [Em linha]. vol. 3 [consultado em 2012-11-11], pp. 55-84. Disponível na World Wide Web: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf>>.

SILVA, *et al.*, 1999. Arquivística: Teoria e Prática de uma ciência da informação. Porto : Edições Afrontamento.

SILVA, Germano, Luís Miguel DUARTE e Alexandra TREVISAN, 2001. *Dicionário de personalidades portuenses do século 20*. Porto : Porto Editora.

SIMÕES, Ana, 2011. O arquivo pessoal de Maria Judite Pinto Mendes de Abreu: análise, tratamento arquivístico e difusão da informação [Em linha]. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível na World Wide Web: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/19027/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Ana%20Sim%c3%b5es%20-%20Sim%c3%b5es.pdf>>.

SPIRO, L., 2009. *Archival Management Software: A Report for the Council on Library and Information Resources*. [Em linha]. Washington: Council on Library and Information Resources. [consultado em 2013-02-14]. Disponível na World Wide Web: <[http://www.clir.org/pubs/reports/spiro/spiro2009.html/spiro/spiro\\_Jan13.pdf](http://www.clir.org/pubs/reports/spiro/spiro2009.html/spiro/spiro_Jan13.pdf)>

.

TERUEL, A.G., 2005. Los estudios de necesidades y usos de la información: fundamentos y perspectivas actuales. Espanha: Trea. ISBN 84-9704-166-6.

THOMASSEN, T., 2001. A first introduction to archival science. *Archival Science* [Em linha]. vol. 1, no. 4 [consultado em 2013-01-05], pp. 373-385. Disponível na World Wide Web: <<http://link.springer.com/article/10.1007%2FBF02438903?LI=true#page-1>>.

UNIVERSIDADE DO PORTO, 2013. Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Manuel Marques [Em linha]. Porto: Universidade do Porto (revisto em 08 de fevereiro de 2013) [citado em 28 de fevereiro de 2013]. Disponível na World Wide Web: <[http://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=1004311](http://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1004311)>.

VAN GARDEREN, P., 2009. *The ICA-AtoM Project and Technology*. [Em linha]. [consultado em 2013-02-18. Disponível na World Wide Web: <[https://www.ica-atom.org/download/VanGarderen\\_TheICA-AtoMProjectAndTechnology\\_AAB\\_RioDeJaniero\\_16-17March2009.pdf](https://www.ica-atom.org/download/VanGarderen_TheICA-AtoMProjectAndTechnology_AAB_RioDeJaniero_16-17March2009.pdf)>.

VENTURA, Maria, 2011. O Arquivo Paço de Calheiros: uma abordagem sistémica. Tese de Mestrado, Universidade do Porto.

## **Anexos**

## **Anexo 1 – Tabela representativa do Quadro Orgânico-Funcional**



## Lista de itens

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Habitação Adelino Quintas

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
1	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-04	Fachadas, corte e plantas	1933-02	Nenhum	
2	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-02	Planta de entrada e balcões	sd	Nenhum	
3	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-03	Plantas, alçado e corte	1930-09	Nenhum	
4	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-01	Plantas: rés do chão, primeiro e segundo andar	sd	Nenhum	

A apresentar 1 a 4 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

[Loja] João Luís Ferreira

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
5	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-04	Balcão: planta e alçados	1930-11	Nenhum	
6	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-02	Detalhes	1930-09	Nenhum	
7	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-06	Mobiliário: cadeiras e mesa;	sd	Nenhum	
8	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-07	Mobiliário e detalhes	1930-12	Nenhum	

9	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-05	Portas e janelas: alçado, planta e corte	1932-05	Nenhum
10	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-01	Vitrine: vistas interiores	1930-11	Nenhum
11	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-016-03	[Pilar]: alçado, corte e planta	sd	Nenhum

A apresentar 5 a 11 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Balaustrada

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
12	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-017-04	Alçado da balaustrada: vista sobre a feira	sd	Nenhum	
13	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-017-05	Detalhe da balaustrada	sd	Nenhum	
14	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-017-06	Muro de suporte	1931-01	Nenhum	
15	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-017-01	Planta do conjunto da entrada da vila: lado norte	sd	Nenhum	
16	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-017-03	Planta e alçado da balaustrada	sd	Nenhum	
17	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-017-02	Planta e alçados da balaustrada	sd	Nenhum	

A apresentar 12 a 17 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

## Casas dos Magistrados

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
18	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-02	Casa dos Magistrados	sd	Nenhum	
19	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-07	Casas dos Magistrados: muro de vedação	1931-01	Nenhum	
20	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-03	Casas dos Magistrados: [alçado]	sd	Nenhum	
21	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-09	Detalhes da fachada	sd	Nenhum	
22	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-06	Estudo - casas dos Magistrados	1931-01	Nenhum	
23	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-10	Planta topográfica da Vila de Vieira do Minho	sd	Nenhum	
24	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-08	Portas e janelas: [alçado cotado]	sd	Nenhum	
25	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-05	Teto: [corte e planta]	1930-12	Nenhum	
26	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-01	[Casas dos Magistrados]: alçado e plantas	sd	Nenhum	
27	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-04	[Pormenor da fachada]	1930-12	Nenhum	

A apresentar 18 a 27 de 211 resultados

Manuel Marques

Aduldez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Habitação Joaquim de Sousa

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
28	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-019-02	Aditamento ao projeto de habitação: plantas, corte e alçados	sd	Nenhum	
29	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-019-01	Projeto de habitação: plantas, corte e alçados	sd	Nenhum	

A apresentar 28 a 29 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Cadeia

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
30	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-020-01	Cadeia: planta e alçado	sd	Nenhum	

A apresentar 30 a 30 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Praça do Município: [projeto de urbanização]

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
31	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-021-02	Praça do Município: [planta]	sd	Nenhum	
32	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-021-01	Praça do Município: [planta]	sd	Nenhum	

A apresentar 31 a 32 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Habitação Belmiro Miranda

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
33	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-022-03	Detalhes da varanda em ferro	sd	Nenhum	
34	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-022-02	Fachada Principal	1931-01	Nenhum	
35	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-022-01	[Habitação] Belmiro Miranda: fachada, cortes e plantas	sd	Nenhum	

A apresentar 33 a 35 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Monumento aos Mortos da Grande Guerra

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
36	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-07	Detalhe	sd	Nenhum	
37	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-08	Monumento aos mortos da grande guerra: alçado	sd	Nenhum	
38	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-	Monumento aos mortos da grande guerra: alçado e	1931-	Nenhum	

02	planta	01	
39 FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-06	Monumento aos mortos da grande guerra: alçados	sd	Nenhum
40 FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-04	Monumento aos mortos da grande guerra: alçados	sd	Nenhum
41 FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-05	Monumento aos mortos da grande guerra: alçados	sd	Nenhum
42 FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-03	Monumento aos mortos da grande guerra: alçados	sd	Nenhum
43 FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-023-01	Planta de localização	sd	Nenhum

A apresentar 36 a 43 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Habitação João F. de Almeida

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
44	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-025-01	Alçados e cortes	1931-01	Nenhum	
45	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-025-02	Plantas	sd	Nenhum	

A apresentar 44 a 45 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Armazéns Aveleda

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
46	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-02	Alçado do Hall	sd	Nenhum	
47	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-04	Alçado interno	1931-01	Nenhum	
48	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-07	Conjunto do armazém: planta e alçados	sd	Nenhum	
49	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-03	Detalhes do Hall e cortes	1931-01	Nenhum	
50	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-10	Detalhes em planta da fachada	sd	Nenhum	
51	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-09	Frente do estabelecimento	1931-01	Nenhum	
52	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-06	Suporte de interior	sd	Nenhum	
53	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-05	Tabuleiro na fachada	sd	Nenhum	
54	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-08	[Detalhes da parede de tijolo]	1931-01	Nenhum	
55	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-026-01	[Esquízo do alçado dos armazéns]	sd	Nenhum	

A apresentar 46 a 55 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Habitação e chapelaria Pacheco

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
56	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-027-03	Alçado da chapelaria	1931-02	Nenhum	
57	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-027-02	Plantas	1931-02-23	Nenhum	

58	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-027-01	[Edifício]: fachada e cortes	sd	Nenhum
----	--	------------------------------	----	--------

A apresentar 56 a 58 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Café

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
59	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-04	Balcão: alçado e planta	1931-02	Nenhum	
60	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-03	Balcão: [plantas e alçados]	sd	Nenhum	
61	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-05	Candeeiros e venda de tabacos: [alçado e plantas]	sd	Nenhum	
62	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-09	Formato das letras	sd	Nenhum	
63	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-08	Interior: cortes	sd	Nenhum	
64	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-01	Interior: [alçados e planta]	sd	Nenhum	
65	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-02	Interior: [planta e alçado]	sd	Nenhum	
66	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-11	Marquise: planta e corte	sd	Nenhum	
67	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-12	Marquise: planta e corte	sd	Nenhum	
68	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-10	Porta: [alçado]	1930-06	Nenhum	
69	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-07	Portas: [alçado]	sd	Nenhum	
70	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-028-06	Vitrine: alçado e planta	sd	Nenhum	

A apresentar 59 a 70 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice



Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Padaria

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
71	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-029-01	Padaria: planta e alçado	sd	Nenhum	
72	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-029-02	Padaria: planta e cortes	1931-02	Nenhum	

A apresentar 71 a 72 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Habitação B.A de Miranda e J. L. Ferreira

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
73	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-030-01	Alçados, corte e plantas	1931-03	Nenhum	

A apresentar 73 a 73 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura

## Bar da Concha

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
74	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-031-03	Bar da concha na Foz: alçado e plantas	1931-04	Nenhum	
75	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-031-02	Bar da concha na Foz: alçado e plantas	1931-04	Nenhum	
76	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-031-01	Planta do nível	sd	Nenhum	

A apresentar 74 a 76 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Habitação Caravana

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
77	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-032-01	Fachada, corte e plantas	1931	Nenhum	

A apresentar 77 a 77 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Projeto do salão de conferências e diversões ao ar livre

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
---	----------------------	--------	-------	----------------------	-----------------------

78 FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-033-01 Alçado e planta sd Nenhum

A apresentar 78 a 78 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Habitação Manuel Moreira Marques

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
79	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-035-02	Alçado e plantas	1931-10	Nenhum	
80	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-035-03	Alçados e plantas	sd	Nenhum	
81	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-035-05	Detalhes	sd	Nenhum	
82	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-035-01	[Alçado]	sd	Nenhum	
83	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-035-04	[Varanda e alpendre: detalhes]	sd	Nenhum	

A apresentar 79 a 83 de 211 resultados

Manuel Marques  
Adultez/Velhice  
Arquiteto (profissional liberal)  
Projetos e Obras de Arquitetura  
Obras de Arquitetura  
Habitação Manuel Araújo Coutinho

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
84	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-036-02	Alçado	sd	Nenhum	

85	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-036-05	Alçado, cortes e detalhe	sd	Nenhum
86	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-036-01	Fachadas e corte	1931-12	Nenhum
87	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-036-03	Plantas	sd	Nenhum
88	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-036-04	Plantas	1931-12	Nenhum

A apresentar 84 a 88 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Habitação Isac Comes Lima

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
89	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-037-01	Plantas e fachada	1933-4 - 1933-5	Nenhum	

A apresentar 89 a 89 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Habitação Joaquim Aguiar Pinto

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
90	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-038-02	Obra em cimento armado: lages e vigas	sd	Nenhum	
91	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-038-01	Plantas, cortes, alçados e detalhes	1932-01-18	Nenhum	

A apresentar 90 a 91 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Habitação e armazém Manuel Esteves

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
92	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-039-03	Detalhe da casa	sd	Nenhum	
93	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-039-02	Detalhes: alçado, plantas e cortes	sd	Nenhum	
94	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-039-01	Plantas, alçados e corte	1932-02-01	Nenhum	

A apresentar 92 a 94 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Café-Cervejaria Bastos

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
95	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-18	Balcão do café	sd	Nenhum	
96	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-15	Cortes	sd	Nenhum	
97	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-13	Cortes	sd	Nenhum	
98	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-11	Detalhe do balcão do restaurante	sd	Nenhum	

98	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-11	Detalhe do espaço do restaurante	sd	Nenhum
99	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-02	Detalhe do wc	sd	Nenhum
100	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-12	Detalhes	sd	Nenhum
101	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-10	Detalhes do teto e aberturas	sd	Nenhum
102	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-08	Estudo	sd	Nenhum
103	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-01	Estudo da porta	sd	Nenhum
104	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-20	Estudos	sd	Nenhum
105	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-21	Estudos	sd	Nenhum
106	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-19	Estudos	sd	Nenhum
107	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-09	Fachadas existentes	sd	Nenhum
108	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-07	Medidas	sd	Nenhum
109	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-03	Móvel do centro	sd	Nenhum
110	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-06	Planta	sd	Nenhum
111	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-16	Planta, alçado e corte	sd	Nenhum
112	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-14	Planta das três salas e detalhes dos degraus	1932-03	Nenhum
113	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-04	Planta do rés do chão	sd	Nenhum
114	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-05	Planta do rés do chão: estado atual	sd	Nenhum
115	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-040-17	Vestiário	sd	Nenhum

A apresentar 95 a 115 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Habitação Serafim Pereira Santos

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
---	----------------------	--------	-------	----------------------	-----------------------

116	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-28	Alçado, corte e planta	1930-09	Nenhum
117	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-29	Alçado, planta e detalhe	sd	Nenhum
118	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-58	Alçados, planta e corte	sd	Nenhum
119	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-10	Alçados e planta	sd	Nenhum
120	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-64	Corte, alçados e planta	sd	Nenhum
121	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-34	Detalhe e vistas do quarto e antecâmara	sd	Nenhum
122	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-62	Fachadas	sd	Nenhum
123	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-70	Fachadas: posterior e lateral poente	1928-06	Nenhum
124	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-27	Perfis: planta, cortes e alçado	sd	Nenhum
125	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-61	Planta, alçados e corte	sd	Nenhum
126	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-08	Planta do primeiro andar	sd	Nenhum
127	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-07	Planta do primeiro andar	sd	Nenhum
128	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-63	Planta do rés do chão	sd	Nenhum
129	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-05	Planta do rés do chão	sd	Nenhum
130	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-06	Planta do rés do chão	sd	Nenhum
131	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-11	Planta e detalhes	sd	Nenhum
132	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-	Planta topográfica	1932-03-	Nenhum

02		07	
133	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-01	Planta topográfica	1931-12-14 sd Nenhum
134	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-35	Portas da cozinha: alçados e cortes	sd Nenhum
135	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-16	[Alçado e planta]	sd Nenhum
136	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-15	[Alçado e planta]	sd Nenhum
137	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-13	[Alçados e plantas]	sd Nenhum
138	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-12	[Alçados e plantas]	sd Nenhum
139	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-31	[Alçado]	sd Nenhum
140	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-46	[Alçado]	sd Nenhum
141	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-30	[Alçado]	sd Nenhum
142	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-41	[Alçado]	sd Nenhum
143	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-45	[Alçado]	sd Nenhum
144	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-21	[Alçado]	sd Nenhum
145	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-09	[Alçado] lateral	sd Nenhum
146	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-20	[Azulejos: planta]	sd Nenhum
147	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-19	[Azulejos: planta]	sd Nenhum
148	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-	[Azulejos]: alçado e planta	sd Nenhum



149	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-42	[Cama: planta e alçado]	sd	Nenhum
150	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-54	[Candeeiro: planta e alçado]	sd	Nenhum
151	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-44	[Corte e planta]	sd	Nenhum
152	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-57	[Corte]	sd	Nenhum
153	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-48	[Desenho de pormenor]	sd	Nenhum
154	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-47	[Desenho de pormenor]	sd	Nenhum
155	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-25	[Escadaria: alçado, planta e corte]	sd	Nenhum
156	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-24	[Escadaria: corte]	sd	Nenhum
157	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-04	[Esquício de planta do primeiro andar]	sd	Nenhum
158	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-03	[Esquício de planta do rés do chão]	sd	Nenhum
159	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-52	[Estante: alçado]	sd	Nenhum
160	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-26	[Fumoir]: corte e planta	sd	Nenhum
161	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-43	[Janelas: alçado e detalhe]	sd	Nenhum
162	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-22	[Janelas e pórtico: alçados]	sd	Nenhum
163	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-60	[Muro de vedação]: alçados, corte, planta e detalhe	sd	Nenhum
164	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-	[Móveis e cadeiras: alçados]	sd	Nenhum

165	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-56	[Móvel: corte]	sd	Nenhum
166	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-51	[Móvel]: alçado e planta	sd	Nenhum
167	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-53	[Planta e alçado]	sd	Nenhum
168	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-50	[Planta e alçado]	sd	Nenhum
169	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-59	[Planta e detalhe]	sd	Nenhum
170	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-67	[Planta]	1928-06	Nenhum
171	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-14	[Planta]	sd	Nenhum
172	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-65	[Planta]	1928-06	Nenhum
173	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-66	[Planta]	1928-06	Nenhum
174	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-68	[Planta]: primeiro andar e telhados	1928-06	Nenhum
175	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-69	[Planta]: primeiro andar e telhados	1928-06	Nenhum
176	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-37	[Porta: alçado e corte]	sd	Nenhum
177	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-40	[Porta: alçado]	sd	Nenhum
178	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-49	[Porta: planta, corte e alçado]	sd	Nenhum
179	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-39	[Porta e coluna: Corte e Alçado]	sd	Nenhum
180	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-38	[Portas: alçados]	sd	Nenhum

181	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-33	[Porta]: corte	sd	Nenhum
182	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-36	[Porta]: corte	sd	Nenhum
183	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-32	[Porta]: planta, alçado, corte e vista	sd	Nenhum
184	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-23	[Pórtico]: alçado]	sd	Nenhum
185	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-041-17	[WC: alçado e planta]	sd	Nenhum

A apresentar 116 a 185 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Liceu Eça de Queiroz

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
186	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-03	Alçado	sd	Nenhum	
187	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-01	Ante-projeto	sd	Nenhum	
188	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-05	Ante-projeto: planta geral 1ª	sd	Nenhum	
189	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-09	Corte e fachada	sd	Nenhum	
190	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-	Edifício da fábrica do gás: alçado e corte	1946	Nenhum	

15				
191	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-13	Fachadas	sd	Nenhum
192	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-08	Fachadas	sd	Nenhum
193	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-10	Obra de cimento armado: esquema de distribuição das vigas	sd	Nenhum
194	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-12	Obra de cimento armado: vigas e escada	sd	Nenhum
195	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-11	Obra de cimento armado: vigas e lages	sd	Nenhum
196	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-04	Planta do rés do chão	sd	Nenhum
197	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-06	Planta geral 2ª	sd	Nenhum
198	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-07	Plantas e corte	sd	Nenhum
199	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-14	Planta topográfica do edifício e terreno anexo	sd	Nenhum
200	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-042-02	[Planta]	sd	Nenhum

A apresentar 186 a 200 de 211 resultados

Manuel Marques  
 Adultez/Velhice  
 Arquiteto (profissional liberal)  
 Projetos e Obras de Arquitetura  
 Obras de Arquitetura  
 Hotel

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
201	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-043-06	Hotel de Viseu: cortes	1932-05	Nenhum	
202	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-043-01	Hotel de Viseu: fachada principal	sd	Nenhum	
203	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-043-02	Hotel de Viseu: fachada principal	sd	Nenhum	
204	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-043-03	Hotel de Viseu: fachadas	1932-05	Nenhum	
205	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-043-04	Hotel de Viseu: plantas	1932-05	Nenhum	
206	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-043-05	Hotel de Viseu: plantas	1932-05	Nenhum	

A apresentar 201 a 206 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Oficina

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
207	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-044-01	Alçado, planta e desenho de pormenor	1932-10-05	Nenhum	

A apresentar 207 a 207 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

Habitação Domingos Fernandes

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
208	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-001-01	[Alçado, corte e planta de localização do edifício]	1927-06-17	Nenhum	

A apresentar 208 a 208 de 211 resultados

Manuel Marques

Adultez/Velhice

Arquiteto (profissional liberal)

Projetos e Obras de Arquitetura

Obras de Arquitetura

[Fonte]

#	Código de referência	Título	Datas	Restrições de acesso	Informação pesquisada
209	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-002-02	Detalhe	1928-02	Nenhum	
210	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-002-03	Planta e alçado	sd	Nenhum	
211	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-002-01	[Alçado da fonte]	sd	Nenhum	

A apresentar 209 a 211 de 211 resultados

**Anexo 2 – Tabela representativa do Quadro Orgânico-Funcional utilizada no teste**

Secção	Subsecção	Série	Subsérie	Documento Composto	Local do Projeto	Documento Simples	Datas Extremas	Localização	Observações
Aduldez - Velhice  (1913-1956)	Aluno bolsheiro em Paris (1920-1930)			Habitação Domingues Fernandes	Porto		1927	FAUP/CDUA MM-AV-ABP-001	Projeto de habitação com duas frentes e três pisos.
				Barbearia Tinoco	Porto		1929	FAUP/CDUA MM-AV-ABP-004	Projeto de remodelação de um estabelecimento para barbearia no piso térreo de um edifício já existente.
	Arquiteto (profissão liberal) (1930-1956)	Projetos e obras de arquitetura	Projetos de Arquitetura	Loja João Luís Ferreira	Barcelos	Vitrine: vistas interiores	1930/11	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-01	Projeto aparentemente relacionado com uma loja e estudo de pormenores, como balcões, vitrinas, portas e janelas, entre outros. Há também um estudo do mobiliário.
						Detalhes	1930/09	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-02	
						[Pilar]: alçado, corte e planta	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-03	
						Balcão: planta e alçados	1930/11	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-04	
						Portas e janelas: alçado, planta e corte	1932/05	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-05	
						Mobiliário: cadeiras e mesa	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-06	
						Mobiliário e detalhes	1930/12	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-016-07	
				Balaustrada	Vieira do Minho	Planta do conjunto da entrada da vila: lado norte	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-017-01	Delimitação do campo de feira.
						Planta e alçado	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-017-02	
						Planta e alçados	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-017-03	
						Alçado da balaustrada: vista sobre a feira	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-017-04	
						Detalhe da balaustrada	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-017-05	
						Muro de suporte	1931/01	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Proj-017-06	



Secção	Subsecção	Série	Subsérie	Documento Composto	Local do Projeto	Documento Simples	Datas Extremas	Localização	Observações
			Obras de Arquitetura	Habitação Adelino Quintas	Barcelos	Plantas: rés do chão, primeiro e segundo andar	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-01	Edifício de habitação com duas frentes e quatro pisos (rés do chão e três andares), cujo rés do chão se destina a loja e escritório. Ao que parece o processo apresenta duas propostas.
						Planta de entrada e balcões	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-02	
						Plantas, alçado e corte	1930/09	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-03	
						Fachadas, corte e plantas	1933/02	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-015-04	
			Casas dos Magistrados	Vieira do Minho		[Casas dos Magistrados]: alçado e plantas	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-01	Casas geminadas com dois pisos, implantadas num lote de esquina.
						Casa dos Magistrados	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-02	
						Casas dos Magistrados: [alçado]	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-03	
						[Pormenor da fachada]	1930/12	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-04	
						Teto: [corte e planta]	1930/12	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-05	
						Estudo - casas dos Magistrados	1931/01	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-06	
						Muro de vedação	1931/01	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-07	
						Portas e janelas: [alçado cotado]	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-08	
						Detalhes da fachada	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-09	
						Planta topográfica da Vila de Vieira do Minho	sd	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-018-10	

Secção	Subsecção	Série	Subsérie	Documento Composto	Local do Projeto	Documento Simples	Datas Extremas	Localização	Observações
			Obras de Arquitetura	Habitação Gomes Neto Júnior	Matosinhos		1932-1933	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-045	Projeto de raiz de um edifício de habitação com quatro frentes e dois pisos, sendo que cada piso corresponde a uma habitação. Estas encontram-se ligadas através de uma caixa de escadas.
				Escola de Belas-Artes	Porto		1934	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-062	Projeto relativo ao desenho de cavaletes de modelação e a uma proposta de um pavilhão para ampliação das instalações da Escola de Belas Artes.
				Homem do Leme - pedestal	Porto		1934	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-064	Projeto de construção de um pedestal em granito que suporta uma escultura em ferro.
				Passeio das Virtudes	Porto		1936	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-087	Projeto para o aformoseamento do Passeio das Virtudes e organização do passeio interior.
				Habitação Abílio Teixeira da Silva	Porto		1937/02 - 1937/11	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-090	Edifício de habitação com duas frentes, quatro pisos e quatro acessos.
				Habitação Joaquim Pinto	Porto		1938/8 - 1938/12	FAUP/CDUA MM-AV-Arq-ProjObr-Obr-100	Projeto de duas habitações em banda completamente autónomas, com dois pisos e duas e três frentes, respetivamente, situadas no interior do lote.



**Anexo 3 – Tabela representativa do Quadro de Classificação  
Funcional utilizada no teste**

Secção	Série	Documento Composto	Local do Projeto	Documento Simples	Datas Extremas	Localização	Observações
Projetos de arquitetura	Projetos de Habitação	Habitação Domingues Fernandes	Porto		1927	FAUP/CDUA MM-Proj-Hab-001	Projeto de habitação com duas frentes e três pisos.
	Projetos de Edifícios Comerciais	Barbearia Tinoco	Porto		1929	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-004	Projeto de remodelação de um estabelecimento para barbearia no piso térreo de um edifício já existente.
		Loja João Luís Ferreira	Barcelos	Vitrine: vistas interiores	1930/11	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-01	Projeto aparentemente relacionado com uma loja e estudo de pormenores, como balcões, vitrinas, portas e janelas, entre outros. Há também um estudo do mobiliário.
				Detalhes	1930/09	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-02	
				[Pilar]: alçado, corte e planta	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-03	
				Balcão: planta e alçados	1930/11	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-04	
				Portas e janelas: alçado, planta e corte	1932/05	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-05	
				Mobiliário: cadeiras e mesa	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-06	
				Mobiliário e detalhes	1930/12	FAUP/CDUA MM-Proj-Com-016-07	
	Diversos	Balaustrada	Vieira do Minho	Planta do conjunto da entrada da vila: lado norte	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Div-017-01	Delimitação do campo de feira.
				Planta e alçado	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Div-017-02	
				Planta e alçados	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Div-017-03	
				Alçado da balaustrada: vista sobre a feira	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Div-017-04	
				Detalhe da balaustrada	sd	FAUP/CDUA MM-Proj-Div-017-05	
				Muro de suporte	1931/01	FAUP/CDUA MM-Proj-Div-017-06	

Secção	Série	Documento Composto	Local do Projeto	Documento Simples	Datas Extremas	Localização	Observações
Obras de arquitetura	Obras de Habitação	Habitação Adelino Quintas	Barcelos	Plantas: rés do chão, primeiro e segundo andar	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-015-01	Edifício de habitação com duas frentes e quatro pisos (rés do chão e três andares), cujo rés do chão se destina a loja e escritório. Ao que parece o processo apresenta duas propostas.
				Planta de entrada e balcões	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-015-02	
				Plantas, alçado e corte	1930/09	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-015-03	
				Fachadas, corte e plantas	1933/02	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-015-04	
		Casas dos Magistrados	Vieira do Minho	[Casas dos Magistrados]: alçado e plantas	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-01	Casas geminadas com dois pisos, implantadas num lote de esquina.
				Casa dos Magistrados	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-02	
				Casas dos Magistrados: [alçado]	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-03	
				[Pormenor da fachada]	1930/12	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-04	
				Teto: [corte e planta]	1930/12	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-05	
				Estudo - casas dos Magistrados	1931/01	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-06	
				Muro de vedação	1931/01	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-07	
				Portas e janelas: [alçado cotado]	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-08	
				Detalhes da fachada	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-09	
				Planta topográfica da Vila de Vieira do Minho	sd	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-018-10	

Secção	Série	Documento Composto	Local do Projeto	Documento Simples	Datas Extremas	Localização	Observações
Obras de arquitetura	Obras de Habitação	Habitação Gomes Neto Júnior	Matosinhos		1932 - 1933	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-045	Projeto de raiz de um edifício de habitação com quatro frentes e dois pisos, sendo que cada piso corresponde a uma habitação. Estas encontram-se ligadas através de uma caixa de escadas.
		Habitação Abílio Teixeira da Silva	Porto		1937/02 - 1937/11	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-090	Edifício de habitação com duas frentes, quatro pisos e quatro acessos.
		Habitação Joaquim Pinto	Porto		1938/8 - 1938/12	FAUP/CDUA MM-Obr-Hab-100	Projeto de duas habitações em banda completamente autónomas, com dois pisos e duas e três frentes, respetivamente, situadas no interior do lote.
	Ensino	Escola de Belas-Artes	Porto		1934	FAUP/CDUA MM-Obr-Ens-062	Projeto relativo ao desenho de cavaletes de modelação e a uma proposta de um pavilhão para ampliação das instalações da Escola de Belas Artes.
	Monumentos	Homem do Leme - pedestal	Porto		1934	FAUP/CDUA MM-Obr-Mon-064	Projeto de construção de um pedestal em granito que suporta uma escultura em ferro.
	Pavimentos	Passeio das Virtudes	Porto		1936	FAUP/CDUA MM-Obr-Pav-062	Projeto para o aformoseamento do Passeio das Virtudes e organização do passeio interior.

## **Anexo 4 – Questionário**



O presente questionário tem como objetivo avaliar a pertinência da estrutura relativa à idade (fase de vida) e funcionalidade (atividade profissional).

---

Qual dos quadros melhor se identifica com as suas necessidades de pesquisa? \*

- ☐ Quadro de Classificação Funcional
- ☐ Quadro Orgânico-funcional

Qual o quadro que melhor ajuda a contextualizar o documento a pesquisar? \*

- ☐ Quadro de Classificação Funcional
- ☐ Quadro Orgânico-funcional

Relativamente ao Quadro Orgânico-funcional, a idade (fase de vida) e função (atividade profissional) são fatores de interesse? \*

- ☐ Sim
- ☐ Não

Justifique a resposta anterior. \*

Observações/Sugestões relativamente aos quadros que analisou. \*

Enviar inquérito

